

ILUSTRAÇÃO

N.º 299 – 13.º ano



À ESPERA DO VERÃO

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.^a prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.^o prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.^a prestação,
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
 Editor: José Júlio da Fonseca
 Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
 Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**GRAVADORES
 IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
 LISBOA



Uma boa colecção de livros
 de grandes autores
 dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE
VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
 contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
 que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema, — novo processo de vendas
 adoptado nalguns países da Europa e especial-
 mente da América, — contribue-se para a cultura
 dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
 dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
 e cinco escudos, segundo a importância**
 da compra, **sem fiador, sempre com**
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.

**O comprador favorece do com
 o sorteio não paga mais nada,
 saldando assim a sua conta
 apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações á

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

**PARQUE DO ESTORIL
 ABERTO TODO O ANO**

Banhos de água mineral e de
 água do mar quentes. Banhos
 CARBO-GAZOSOS. Duches.
 Irrigações. Pulverizações e Ina-
 lações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATER-
 MIA. Raios Ultra-violetas e In-
 fra-vermelhos. Electricidade mé-
 dica. MECANOTERÁPIA e
 Maçagens. = = = = =

**MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
 CULTURA FÍSICA
 AQUECIMENTO CENTRAL**

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)



**Elasticidade
significa bem estar**

Este artista precisa de ótima disposição física e psíquica para exercer a sua profissão. Para combater as dores usará, como todos, a



Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
OS REUMATISMOS
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

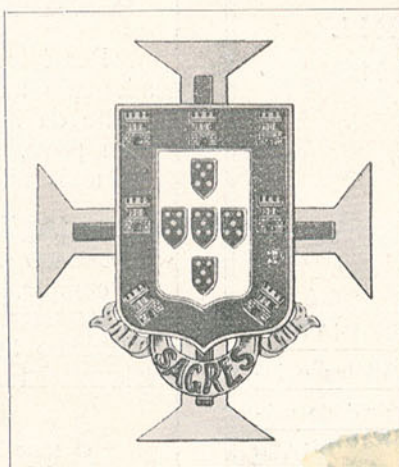
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis,
Responsabilidade civil,
todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo,
Marítimos, Agrícolas
e Cristais

Seguros de Vida
em todas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — Telef. 2 4171

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

CELEBRANDO O centenário da coroação da Rainha Vitória, a Embaixada inglesa organizou, na Quinta Nova, em Carcavelos, festas brilhantíssimas

a que assistiram o sr. Presidente da República e sua Esposa. Foi armado ali o cenário duma Feira Franca, reconstituída segundo os moldes românticos da época da coroação da Rainha Vitória em pleno século XIX, vendo-se senhoras e cavalheiros da colónia britânica ostentando os trajos de então.

Após a alocação inaugural do sr. embaixador sir Walford Selby, foi aberta a Feira, seguindo-se a Procissão de Maio, a solenizar a Primavera, cortejo garrido de crianças e adolescentes, empunhando lírios e arcos de flores num quadro encantador. Houve danças. E a rainha da festa,

O CENTENÁRIO DA COROAÇÃO DA RAINHA VITÓRIA

uma loira miss ri-sonha e graciosa, que estava sentada num trono, foi coroada simbolicamente com uma coroa de mirtos e de rosas.

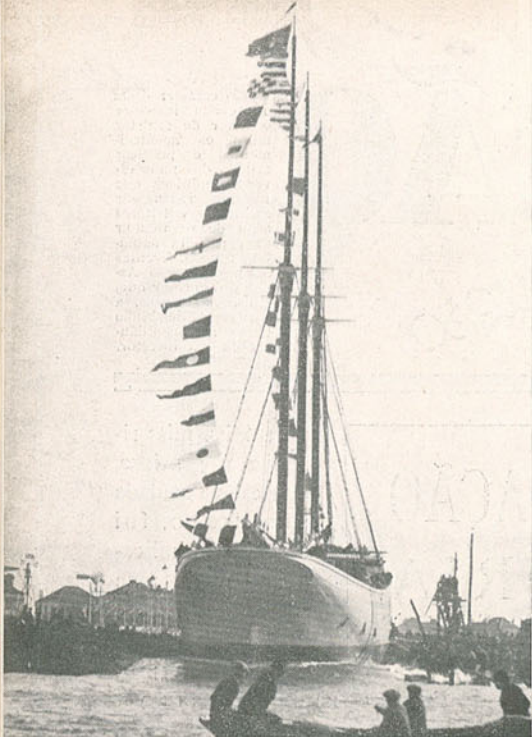
Quando a procissão recolhia, e o Chefe do Estado e sua esposa, para a ver de mais perto haviam descido a escadaria, a rainha da festa, cercada pelos seus pagens, ofereceu à senhora de Carmona, com vénia rasgada, um lindíssimo ramo de flores.

Decorridos cem anos, a Inglaterra ainda mantém o culto pela sua excelsa rainha que deu o mais nobre e salutar exemplo aos mais poderosos reis do Universo. Grande é a Grã-Bretanha, mas todos os povos do mundo devem ter sempre presente que a maior razão da sua grandeza progressiva reside, acima de tudo, na sua perfeita educação cívica.

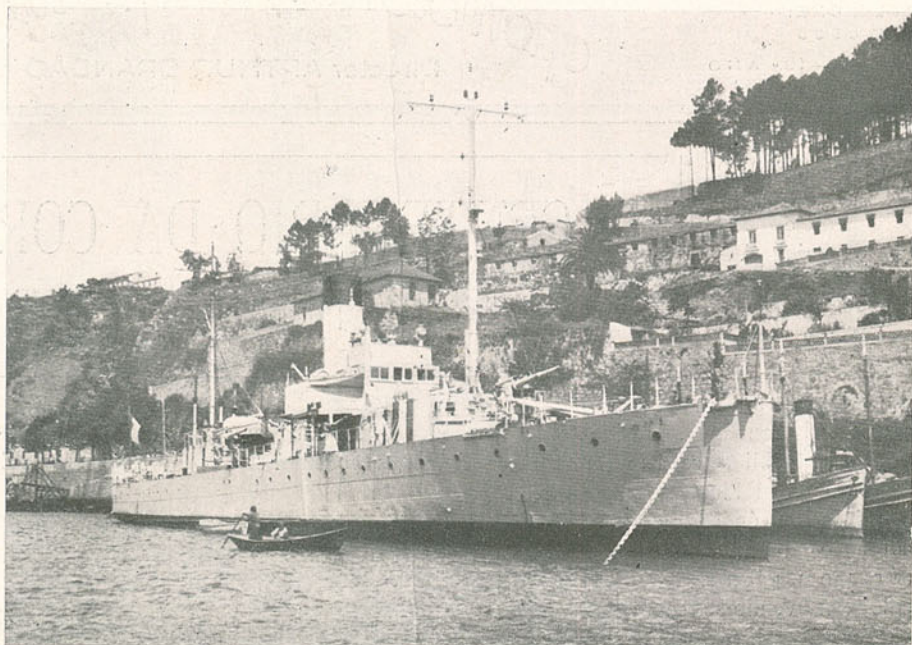


Em cima: a rainha da festa oferecendo a Madame Carmona um ramo de flores. — Em baixo: Um aspecto da festa, no momento em que entrava o sr. Presidente da República e sua esposa

NOTÍCIAS DA QUINZENA



O lugre «Oliveirense» lançado à água nos estaleiros da Gafanha. Tem 650 toneladas e é construído sobre os planos mais modernos. — A' direita: o aviso de guerra francês «Suippe» em visita ao Pôrto tendo a tripulação deposto uma coroa de flores no monumento aos Mortos da Grande Guerra



A cidade de Aveiro prestou uma significativa homenagem ao grande jornalista Homem Cristo. A gravura acima mostra o homenageado com algumas das pessoas que lhe fizeram a entrega da mensagem da cidade. — À direita, o professor Cruz Felipe, do «Rotário» discursando junto do monumento dos Mortos da Grande Guerra, em Braga, onde fôram depositos ramos de flôres



Homenagem ao químico analista sr. Carlos Cruz que, ao atingir o limite de idade, recebeu a medalha de prata de bons serviços. A gravura acima mostra e homenageado com o enfermeiro-mor, o professor dr. Celestino da Costa e os subordinados que tomaram parte na festa. — À direita: A mesa que presidiu à notável lição do prof. Humbert Gillot no Instituto dos Altos Estudos da Academia das Ciências, sobre «Decadentismo e Simbolismo»

ACTUALIDADES DA QUINZENA

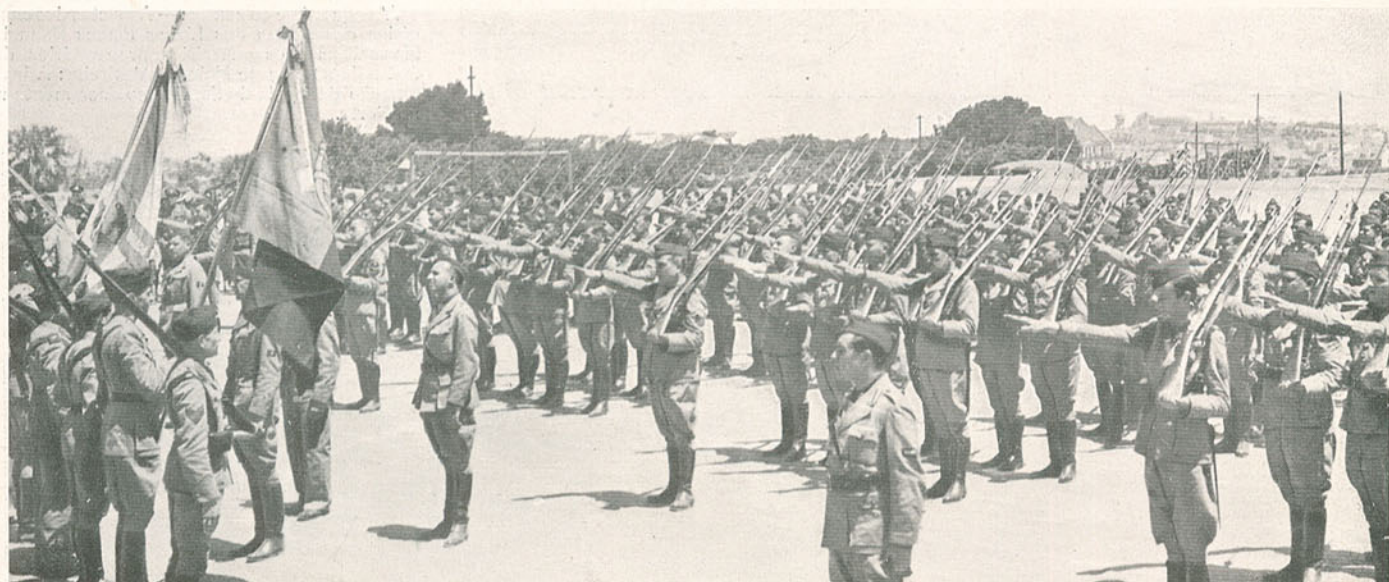


A' esquerda e ao centro: — Aspectos dos exercícios das alunas dos Liceus Passos Manuel e Normal para os exercícios preparatórios das festas de 28 e 29 de Maio. — A' direita: A inauguração da igrela do Santíssimo Sacramento no Porto.



O novo ministro da Roménia em Lisboa, prof. dr. Lucian Blaga (o segundo da esquerda) após a entrega das credenciais ao Chefe do Estado. — A' direita: O escritor espanhol Wenceslau Fernandez Flórez após a sua chegada a Lisboa, onde vem realizar duas conferências. A gravura acima mostra o ilustre escritor relatando alguns episódios da sua odisséia

JURAMENTO DE BANDEIRA



Em cima, à esquerda: — O dr. Mário Madeira discursando no juramento de bandeira da Brigada Automóvel. — À direita: Um aspecto do juramento de bandeira no Grupo de Artilharia contra aeronaves em Cascais. — Ao centro: A Brigada Automóvel da «Legião» jurando bandeira em Metralhadoras 1. — Em baixo: Outro aspecto da cerimónia do juramento de bandeira em Metralhadoras 1

A ÚLTIMA

peregrinação a Fátima



Alguns aspectos da última peregrinação a Fátima que constituiu uma grandiosa manifestação de fé. Milhares e milhares de peregrinos, sob um sol escaldante, aguardam novos prodígios. E todas essas almas, por mais rudes que pareçam, elevam-se tão alto, tão alto, que chegam a tocar o céu! Portugal inteiro, fiel às suas tradições, recorda um passado glorioso em que, com a sua fé e a sua bravura, encheu o Mundo.



VISITA DA ESQUADRA FRANCESA AO TEJO

É agradável ouvir estas palavras que, sendo justíssimas, nem sempre foram lembradas. Portugal é, em boa verdade, o mais glorioso marinheiro que o Mundo inteiro deve considerar e respeitar. Portugal chegou a tôdas as partes do Mundo antes de qualquer outra Nação.

O sr. Presidente da República com o almirante Laborde e o ministro da França no Palácio de Belém. — Ao centro: Madame Laborde a bordo do "Provence", onde foi servido um almoço em honra do sr. ministro da Marinha e dos almirantes portugueses. — Em baixo: Um aspecto da assistência ao chá oferecido a bordo do "Provence".

A esquadra francesa do Atlântico que está a executar o programa das manobras da Primavera visitou o Tejo.

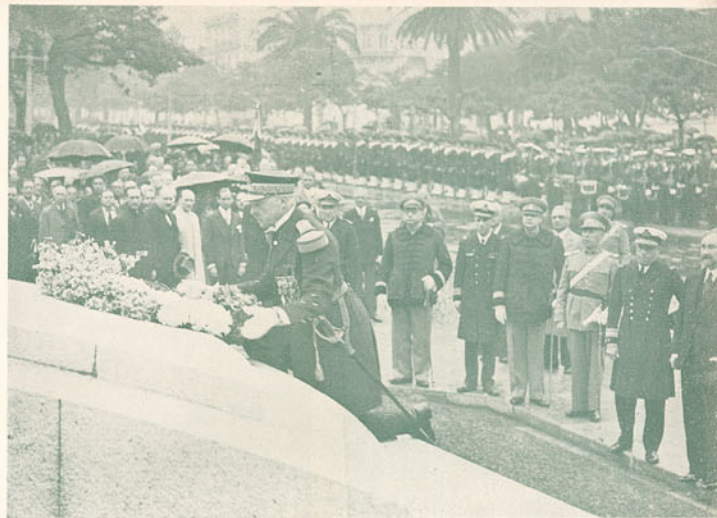
O almirante Laborde teve estas palavras para os jornalistas, no momento de pisar terra portuguesa:

— Ser recebido pela Marinha portuguesa é uma honra para qualquer marinheiro. E fundamento a minha afirmação lembrando que a vossa Armada é bem a mais antiga e veneranda mãe gloriosa da navegação através da História.

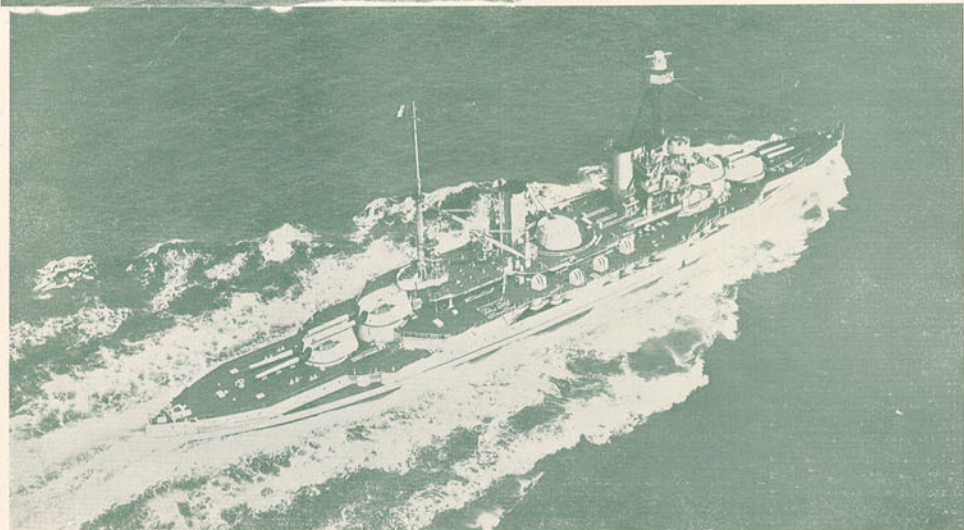


A marinha francesa prestou homenagem aos portugueses mortos na Grande Guerra, tendo a cerimónia sido muito prejudicada pela chuva. Após os cumprimentos

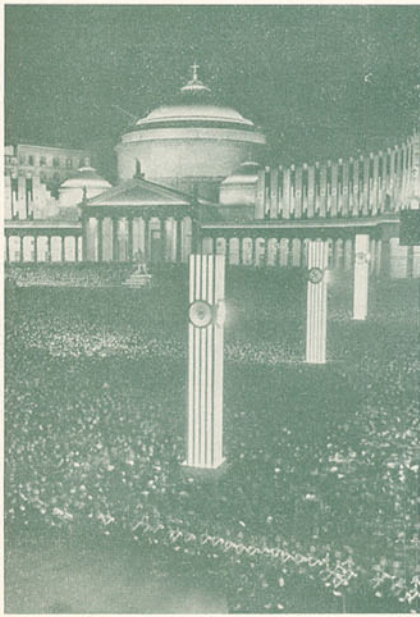
O almirante Laborde depondo uma coroa de flores no monumento aos portugueses mortos na Grande Guerra. — Ao centro: Os marinheiros franceses desfilando na Avenida da Liberdade. — Em baixo: O navio-almirante "Provence", ao largo de Brest, fotografado por um aparelho do porta-aviões "Bearn", mostrando-se em toda sua imponência



mentos do estilo, o almirante Laborde dirigiu-se à base do monumento, onde depois uma coroa de flores com as cores francesas. O comandante da esquadra prestou aquela simbólica homenagem, com um joelho em terra e profundamente emocionado. O terno de clarins do "Provence" executou o toque "Aos mortos", que foi ouvido com a maior emoção por toda a assistência. A banda do couraçado rompeu então com os acordes da "Portuguesa", as bandeiras inclinaram-se e as forças apresentaram armas. Por fim, as forças desfilaram em continência perante o monumento. Mais uma justa homenagem.



A VISITA DE HITLER À ITÁLIA



Aspecto da Praça do Plebiscito, onde mais 600 mil pessoas aclamaram entusiasticamente o rei de Itália, o Duce e o Führer



Hitler e Mussolini junto do monumento nacional em Roma após ter sido depositada ali uma coroa de flores pelo primeiro



No regresso de Hitler, as portas de Brandeburgo em Berlim aparecem aparatosamente iluminadas, como o resto da cidade



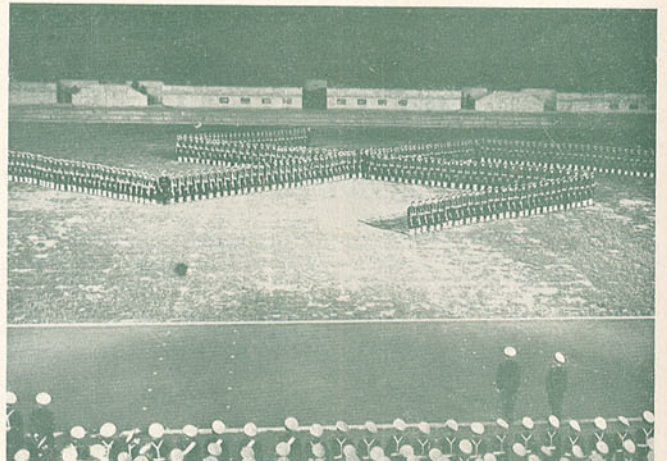
Antigos costumes florentinos que foram exibidos no Grande Parque de Boboli por ocasião da visita de Hitler à Itália, tendo constituído um esplêndido espectáculo



A chegada dos lansquenetes ao Grande Parque de Boboli e que abriram o cortejo dos antigos costumes populares toscanos exibidos por motivo da visita do Führer



A grandiosa manifestação ao Duce e ao Führer na histórica Praça da Senhoria em Florença em que se aglomeraram no maior entusiasmo centenas de milhares de pessoas



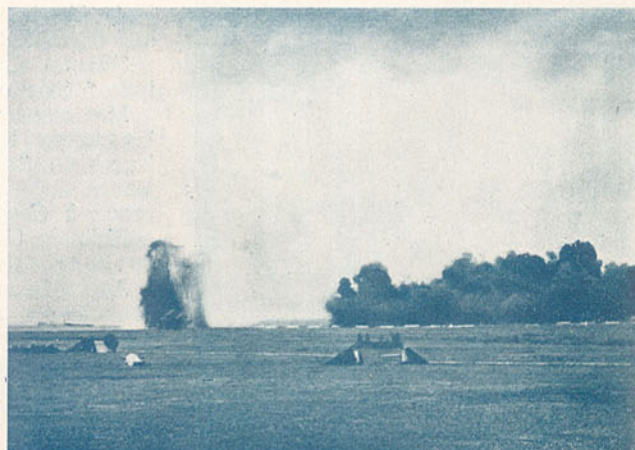
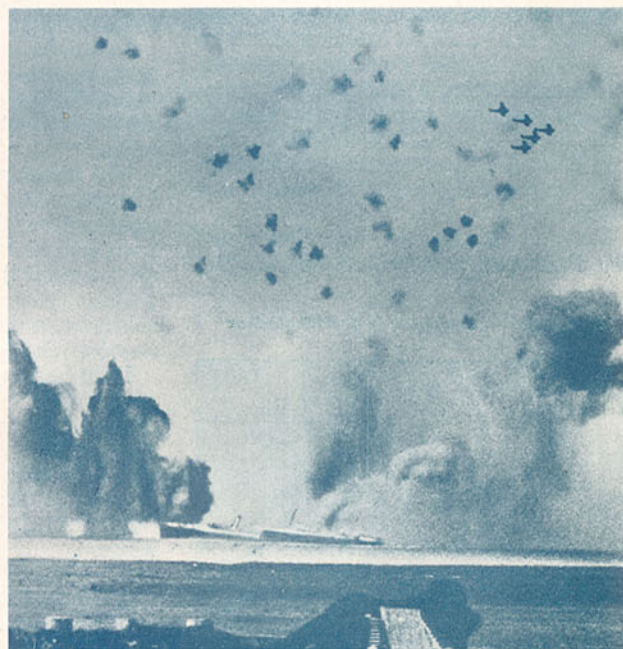
Hitler e Mussolini assistindo em Roma a uma representação do Lohengrin, em homenagem ao ilustre visitante da cidade Eterna, e que revestiu grande imponência

A SINISTRA VISÃO DA GUERRA



As três gravuras que ilustram esta página mostram os progressos constantes da arte da guerra. A' esquerda, vê-se o sistema de defesa que a Inglaterra põe em prática para protecção da cidade de Londres. O céu da capital britânica fica salpicado de balões de barragem, dispostos de tal maneira que os cabos a que estão presos e que são invisíveis durante a noite formam uma rêde perigosíssima para os aviões que nela choquem. Estes balões cativos podem subir ou descer consoante as necessidades, sendo, no entanto, preferida a altura de 7 mil a 8 mil metros, por ser a mais eficiente.

Por sua vez, a Itália, aproveitando a visita de Hitler, mostrou-lhe nas suas manobras navais a facilidade e precisão com que os seus aviões metem no fundo qualquer navio. Como as gravuras da direita mostram, navios velhos, escolhidos como alvo dos aviões, foram afundados em poucos minutos.





Igreja de Santa Cruz

O Penedo da Meditação é uma barbacã suspensa sobre o abismo. Mas, ao fundo do abismo, canta um ribeirinho... Um beijo de luz doira a corrente cristalina, a verdura acalenta a sua reverberação, a brisa acorda canaviais e vimeiros, um rebanho passa na encosta onde as giestas florescem... E o vale é um Éden, ameaçado embora pela asperesa dos fregos, que o arvoredo, relando, dilue!

Voltando, à esquerda, fica a Quinta das Sete-Fontes, cercado de frondosos cedros.

«A deposição no túmulo», na Igreja de Santa Cruz



VIAGENS NA NOSSA TERRA

A velhinha Coimbraada vez mais jovem

Do Penedo da Meditação até à veneranda Igreja de Santa Cruz

No meu tempo, o palacete era caiado de branco, e, inundado de sol, dava-me sempre o desejo de enriquecer, escrevendo um livro (talvez aquele que nunca publicarei!)... e comprá-lo, para que o Silvío estabelecesse nêle um Sanatório de Crianças que saltassem nos joelhos dos velhos do seu Asilo, que aqui viriam todos os dias, os que ainda pudessem caminhar...

E o mosteiro de Celas? O portal de entrada, de harmoniosa composição, acolhedor, dá acesso a um átrio. É deste que, por novo pórtico, se passa à igreja. O aspecto geral do mosteiro, de pobre humildade, não nos faria supor que aqui existisse uma tão linda igreja circular, cuja abóbada é preciosa, artezoada, com ricos bocêtes no cruzamento das nervuras, rematando ao centro com as armas de Portugal.

As suas belas proporções dão-nos uma impressão de ritmo. Contempla-se com ênlevo.

Da parte da Epístola, a capela de D. Sancha, que fundou o convento em 1210. A seguir encontra-se um retábulo de pedra — o martírio de S. João Evangelista. Em baixo, em predela, S. Martinho e o pobre. Ao lado um quadro que me encanta — a Virgem e o Menino dormindo.

Por todo o templo e dependências se encontram esculturas e pinturas, que são restos de grande recheio. E algumas não merecem o abandono a que estão votadas.

No claustro, a esboroarem-se, estão imagens dos séculos xv e xvi. Cuidada análise talvez lhes descobrisse valia. Note uma, que as freiras raspavam (para a poderem vestir!) e que, antes de um carpinteiro, há pouco, de um andaime cair sobre ela, mutilando-a, tinha um menino ao côro. Seria da mais pura Renascença.

Dois baixos relevos, com anjos músicos... Que movimento e que expressão! Tão deliciosamente acentuados, que o melhor Della Robbia não se lhes avantajará. Lembra Cellini...

Aqui trabalharam, além de outros grandes artistas, João de Ruão e Nicolau Chanterenne.

É de Chanterenne a admirável porta, datada de 1526, que dá para a antiga sacristia e foi encomendada pela abadesa D. Leonor de Vasconcelos.

No côro, uma Crucificação de bom lavôr. Também o pórtico, que dá para a sala do capítulo, nos detém.

Quantas obras dignas de atenção e estudo, desde o românico à Renascença! Mas quem vem a Santa Maria de Celas traz seu fito nos dois incomparáveis lanços do claustro, que são, indubitavelmente, do reinado de D. Denis. Pertencem à Casa da Sabedoria, primitivo edifício da Universidade, e fôram cedidos ao mosteiro por D. João III.

As ingénuas figuras dos seus capiteis chamam-nos a emoções simples, evagantes; o primitivismo desta forma artística e dos seus motivos acorda em nós ancestralidades que se comprazem, incoercivelmente, neste ambiente monástico, cheio de consoladora melancolia.

E tanto, que na igreja já a nada somos

sensíveis — admirar é um esforço intelectual, e dissolveu-se tôda a energia de pensamento... Só uma Anunciação nos perturba e nos segue; a visão florentina dessa tela é inapagável, e insinua-se nos na alma, absôrta ainda na hipnótica suavidade do claustro!

Chegando à Cruz de Celas, cortamos à direita.

Estes oiteiros de Coimbra são mirantes de deslumbramento. E de Montes Claros, alcança-se, além da cidade, toda a vastidão que vai até às serranias de Louzã, paisagem em que se não revela uma mancha de nudez bravia. E, pela ilusão da perspectiva, é uma só floresta, enfeitada de casais e ermidas, de jardins e rebrihantes águas. É uma paisagem que prende o espírito sem abalar os nervos, um grande banho de retemperante pacificação.

Logo adiante se abre panorama bem diverso.

Para lá do Choupal o Mondego estende-se indolentemente pelos campos, já nostálgico da urbe, mimado pela verdura espraiente que vai longe, ao mar, esmaecendo em tênue neblina. E as colinas, que de Santa Clara correm para o poente, e as serranias do Espinhão fixam-se na retina como uma fascinação. É um murmúrio de onda, um cromatismo melódico indizível.

O Cemitério é neste monte da Cochada.

O poeta inglês Cranmer-Bing diz que a bondade dos filhos de Coimbra até nisto se revela: escolheram para os seus mortos o mais lindo, o mais assaahado e o mais tranquilo sítio...

Retrogradando, descemos, por Mont' Arroio, ao Largo da República. No topo oriental fica o Parque de Santa Cruz.

É um retiro de branda, convidativa amenidade.

A entrada, pelo Jôgo da Bola, é cenográfica, desde os dois pavilhões que ladeiam o pórtico até à cascata, recamada de avencas. E como é agradável descansar nas longas bancadas de pedra, arcaçadas de sombra!

Subimos a escadaria, sempre sob um arco de verdura, a uma luz divagante, tamisada pela folhagem, até à Fonte da Sereia.

Ao último patamar afluê a Alea dos Loureiros, que é um regalo dos sentidos. Entre ela e a cascata engasta-se, como uma verdadeira joia, um lâgosinho, rodeado de cedros do Buçaco.

Este pequeno parque, tão elegante, tão calmo, de tão embaldor silêncio, tem mais do que beleza — tem meiguice...

O Claustro de Manga encerra-se entre

estas edificações. Forma um conjunto original — ao centro um templête, cuja cúpula assenta sobre colunas, rodeado por quatro capelinhas redondas que se ligam por botareus. Veredas, arcadas, pontes, tanques, alegrêtes — tudo pequenino. Diz-se que João III o traçou na manga do seu roupão. Como um brinquedo de rei, alindou-se de preciosas esculturas que João de Ruão cortou na pedra de Ançã, tão do seu gôsto. Só restam dois baixos-relevos — no Museu Machado de Castro.

Na Praça 8 de Maio, a nascente, fica a igreja de Santa Cruz.

Ouso invadir o domínio artístico, que naturalmente me é vedado...

Mas não baixo os olhos, conrito; levanto-os para a janela que se rasga na silharia nua, para os nichos, baldaquinos e estátuas e para os florões, modilhões e grinaldas, que dão leveza à traça manuelina de Marcos Pires.

É lamentável que intempéries hajam corroído a pedra em que foi lavrada esta frontaria.

A igreja de Santa é duma só nave. Até à alta abóbada artesoadá, a luz enche o templo. Pouco além da baixa abóbada da entrada, sobre a qual se ergue o côro, realça o púlpito formosíssimo de João de Ruão. Nada excede o seu delicado lavôr, a sua composição sóbria e arrogante. Logo uma palavra vem aos lábios: — perfeito!

O órgão, feita de Herrera, é talvez o melhor do país.

O túmulo armoriado de D. Fernando Cogominho está, à direita, embebido na parede.

No corpo da igreja, quatro capelas, duas de cada lado. E de uma e de outra banda do arco que separa a nave da capela-mór, dois altares modernos, que, sob a direcção de António Augusto Gonçalves, executou João Machado. São primôres de arte, cujo melhor elogio é poder afirmar-se dêles, com verdade, que não desistam, quer na ideação quer na técnica, do conjunto admirável de Santa Cruz.

Os dois túmulos monumentais de Afonso I e Sancho I são grandiosos. O Conquistador e o Povoador ali descansam das suas longas lides, na sumptuosa consagração da arte que tanto protegeram.

E a estátua jacente de Afonso Henriques prende mais do que a nossa atenção — chama a nossa devoção.

Roma não quis santificar o grande rei. Mas o heroísmo não é, tantas vezes, santidade? Quem funda uma Nação como Portugal não merece um culto imorredouro? Ajoelhemos!

Afonso Henriques parece que está dormindo, serena, plácida, dôcemente. Não morreu. Na sua cabeça um vasto pensamento repousa; no seu semblante ilumina-o um clarão interior...

Levanto-me para vêr melhor: é um assombro de expressão genial.

Uma ideia vem obsidiantemente ao espírito: — Se vai acordar!...

A sacristia, datada de 1622, é um dos mais belos trabalhos da segunda Renascença coimbrã. Encontram-se nela quatro quadros do século xvi — o *Cravário* e o *Ecce Homo*, atribuídos a Cristóvão de Figueiredo, o *Pentecostes*, que se supõe de Gaspar Vaz, e *Santo António*, impressivo, de uma ternura que surpreende. E um quadro mais moderno, *Descimento da Cruz*, de André Gonçalves.

Da sacristia passa-se à casa do capítulo (abóbada de artesões e bocêtes, como a da nave) em cujo tópo fica a capela de S. Teotónio, executada por Tomé Velho, nos fins do século, xvi, por incumbência do prior-geral D. Pedro d'Assumpção, a qual tem três túmulos, sendo o do centro o do santo, o do lado da Epístola do arcebispo D. Teo que fundou o mosteiro, e o lado do Evangelho de D. João Teotónio, 2.º prior.

Uma sumptuosa porta manuelina dá ingresso ao claustro. É êste, de dois andares, o primeiro em ogiva e o segundo em arcos abatidos, do risco de Marcos Pires, a quem, segundo António Augusto Gonçalves, se deve tôda a arquitectura da Santa Cruz, na reconstrução de D. Manuel.

Três altos relevos, nos tópos das galerias, são raros espécimes de escultura da Renascença — *Ecce Homo*, *Passo da Cruz* e *Deposição no túmulo*. Atribuem-se a Nicolau Chanterenne que corrigiria também, na mesma época, a obra dos túmulos reais, ao sabôr da Renascença, na qual viria iniciar os artistas de Coimbra.

Ao centro da crasta, uma fonte da Renascença. Mas há, a um canto, outra fonte — a de Paio Guterres, valeroso cavaleiro, que foi cônego regente.

Melhor essa condiria com o claustro. Dêla diz Teixeira de Carvalho: «Está como dentro duma capelinha, em cuja abóbada estão suspensas as armas de Portugal, como o Espírito Santo nos quadros góticos.»

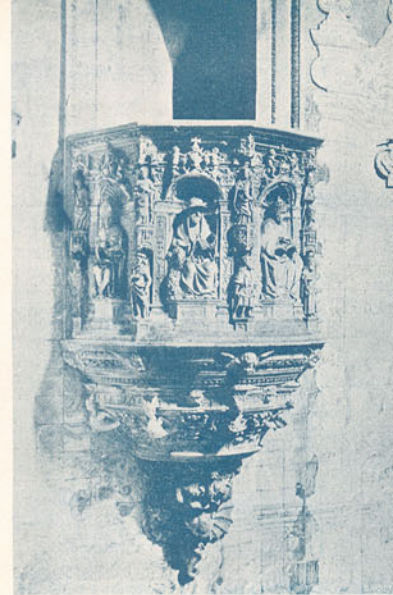
Dentre as capelas do Claustro destaca-se a de Cristo, com sepulturas manuelinas; uma delas é de D. Pedro Gavião, bispo da Guarda, o prior-mór que tanto se empenhou na reconstrução do templo.

Na capela do Sacramento há um crucifixo, preciosa escultura em madeira dos fins do século xiv.

Uma escadaria conduz da pequena capela, do lado da sacristia, ao côro.

Nêste, o cedeiral é um notável trabalho de talha gótica, a que só poderemos encontrar equivalência, em Portugal, no retábulo do altar-mór da Sé-Velha.

Ao Santuário (arquitectura do século xviii) pouco resta já da sua antiga opulência, Saqueado pelos francêses, que teriam levado um quadro de Rafael e outro de Rubens — Raczyński, nos meados do



O púlpito de João de Ruão

século xix, referia-se-lhe ainda com interêsse:

«As pinturas mais dignas de atenção do Santuário da igreja, e talvez de tôdas as igrejas que tenho visitado neste país, são quatro cabeças emolduradas por medalhões: num as de S. Pedro e S. Paulo; noutro as de Cristo e de S. João... Não consegui descobrir-lhes o autôr; mas lembraram-me o retrato de Holzchur por Alberto Dürer...»

Conservam-se estas pinturas no Santuário. Mas grande número de telas, que lhe pertenceram, estão no Museu do Pôrto, onde também se encontram a espada de D. Afonso Henriques, uma esmeralhinha de tartaruga, marchetada de oiro, e esmalte de Limoges, perfeitíssimos.

À esquerda do templo, um café, que se instalou numa antiga dependência do mosteiro (igreja parouquia de Santa Cruz até 1834) desalojando uma agência funerária... Aos seus frequentadores recomendo que contemplem a abóbada. Merece ser vista — como aperitivo!

Aí existiu, desde o século xii ao xvi, o mosteiro de S. João das Donas encastreadas ou reclusas de Santa Cruz; aí viveram D. Constança Sanches, filha de D. Sancho I, D. Mór Sanches, a infanta D. Maria Afonso, filha de D. Afonso IV, e D. Mor Dias, a edificadora de Santa Clara-a-Velha...

LOPES D'OLIVEIRA.

Claustro do Convento de Celas



A FAMÍLIA,

base da felicidade duma nação

UM dia dêstes presenciei, numa rua de Lisboa, uma cena que me entristeceu pela decadência em que vai o respeito que deve existir no seio da família.

Uma rapariga dos seus catorze anos, por sinal muito interessante, morena e de lindos cabelos negros, vinha acompanhada pela avózinha.

Num dado momento, a pequena atirou com um gorro que trazia ao chão.

A avó mandou que o levantasse, e ela recusou-se terminantemente a obedecer, a-pesar daquela lhe ter repetido a ordem várias vezes.

Continuaram o seu caminho e o gorro sempre no chão. E assim voltaram a esquina.

Eu, que desde pequena tenho a mania da conciliação, apanhei o objecto em questão e fui levá-lo à menina desobediente, dizendo-lhe:

— "Nunca mais faça isto, e peça perdão a Deus, por ter desobedecido à sua avózinha, que é duas vezes sua mãe."

A pequena sorriu, e em verdade não me pareceu que lastimasse o seu gesto antipático.

Na rua, pessoas que a conheciam comentavam:

— "Não devia ser assim tão má. A avó é tão amiga dela, e trata-a com tanto carinho..."

Já vêem, meninas que por acaso me estiverem lendo, que nunca se fica bem visto, quando se pratica uma acção má ou deselegante.

Esta criança, já a entrar na adolescência, por capricho, fez uma triste figura.

Se ela, ali mesmo, se desculpasse da sua infeliz ideia de desobediência, tinha grangeado as simpatias de toda a gente.

Porque, desenganem-se, não é vergonhoso nem humilhante reconhecermos os nossos erros.

Houve até um pensador, um escritor brilhante, que escreveu algures que é preciso ser um espírito realmente superior acima, muito acima mesmo, da cerva normal, para reconhecer que errou e confessar francamente o seu êrro.

O povo tem uma maneira de classificar esta teimosia em não declararmos

que nos enganamos: É "não dar o braço a torcer".

Pois que ninguém tenha receio de que lhe fique mal confessar que não teve razão.

Não há ninguém que não se engane, e pouca gente seguirá na vida, sem um desvio na estrada do dever.



É preciso que os pais e os mestres não abrandem no seu fito de criar no espírito das crianças o respeito pelos seus superiores, porque êsse respeito é a mais sólida base da ordem e da disciplina, sem as quais a família não pode subsistir unida e forte como convém.

Além de que as famílias são os alicerces duma nação, alicerces que é preciso consolidar conscientemente para que nunca venham a ruir as construções do progresso e da civilização, que só assentam definitivamente sobre as bases duma perfeita educação cívica e moral.

E esta educação só pode ser bem recebida, com esperanças de bons frutos, em pequeninos.

Por isso, não vale descuidar a infância, deixando-a eivar-se de veleidades de independência, quando ainda nem a vida conhece para defender-se sosinha das suas ciladas e das suas miragens enganosas.

Diz um ditado alemão que "o que o Joãozinho não faz não o fará também o João". O que corresponde ao nosso que "de pequenino é que se torce o pepino".

Nada de deixar tomar birras e caprichos, aos nossos encantadores garotos.

É obrigá-los, mais pela persuasão do que pela violência, a obedecer aos seus progenitores e a usarem entre si de um convívio disciplinado, embora carinhoso.

Creio que nas escolas se devia aproveitar todos os pretextos para educar a

alma das crianças, ao mesmo tempo que se lhes alimenta o cérebro.

As mãis nem sempre sabem dar-se ao respeito, e algumas há que transmitem aos filhos os seus hábitos de bisbilhotice e má língua, preocupando-se mais com a vida dos outros, do que com a sua própria.

Freqüentemente se ouvem crianças bem pequenas ainda criticando um chapéu ou um vestido duma senhora que passa, ás vezes com propósitos malcriados e indignos duma bôca que ainda há pouco se perlava com as gotas do leite materno.

Assim não há ordem possível, nem pode haver felicidade.

E é um verdadeiro crime, que lega as gerações futuras, esta educação mal compreendida.

Todos os defeitos, transmitidos ou não jugulados logo que se manifestem, irão passando de geração em geração.

A má orientação dos filhos será herdada por netos e bisnetos e pela descendência fóra, continuando a espalhar a desordem nas famílias e extensivamente em toda a nação.

E' preciso que cada chefe de família se convença de que lhe pertence um cabouco na organização do seu país, e trate de dar á sua contribuição de material a maior resistência possível. E essa resistência só pode obter-se com a educação moral dos seus filhos, enchendo-lhes a alma e a consciência de bons princípios, onde sobressaíam o amor e o respeito pelos seus maiores e por todos aqueles que pela sua posição e pela sua idade sejam dignos das suas atenções.

A força física é uma grande ajuda, mas a força espiritual é a sua base invencível.

MERCEDES BLASCO

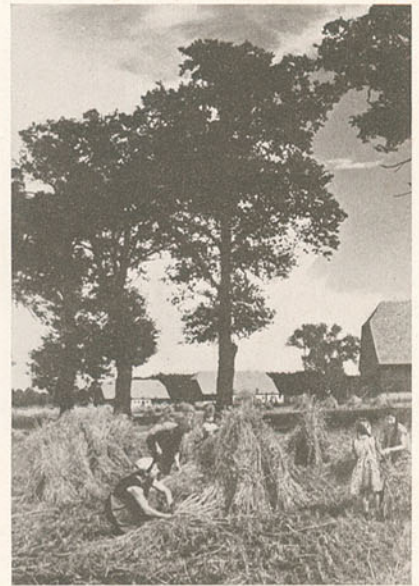
A ACTIVIDADE ALEMÃ



Um trecho da velha cidade de Ulma, junto ao Danúbio que é ainda muito estreito nestas pitorescas paragens



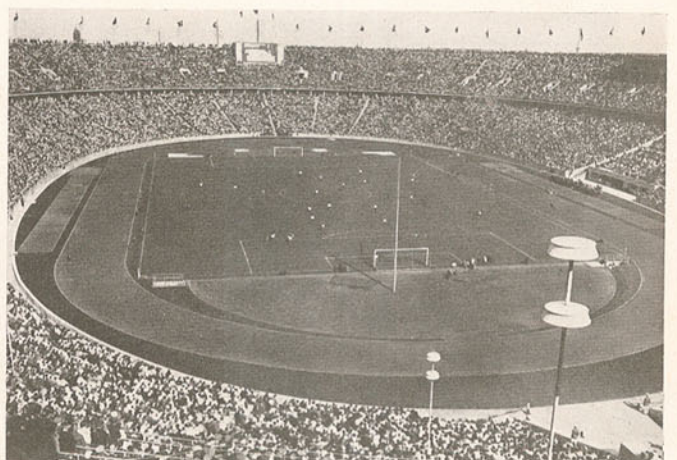
O terreno pantanoso de 1934 que o esforço da nova política de Hitler conseguiu tornar útil e produtivo



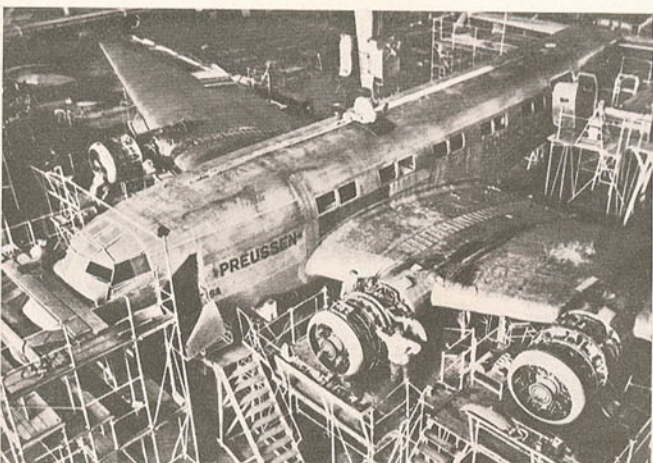
O aspecto que o mesmo terreno apresenta com a primeira colheita ali efectuada. Os pântanos transformam-se em pão



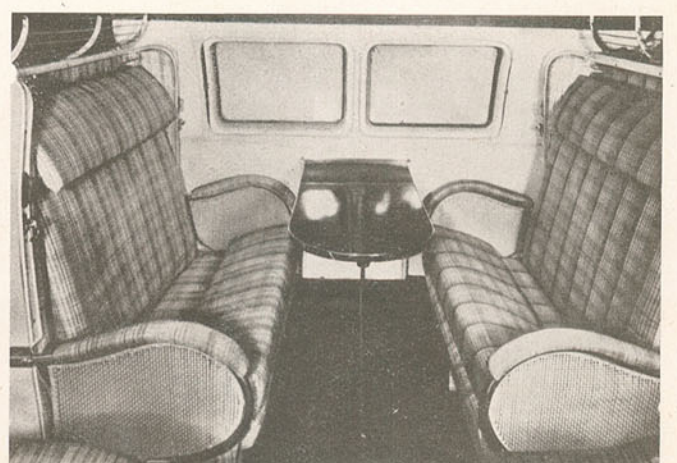
Tripulantes da baleeira «Walter Rau» mostrando os formidáveis queixais duma baleia. Em 7 meses de viagem, este barco elaborou 18 mil toneladas de azeite de baleia, 113 toneladas de carne congelada e 790 quilos de extracto de carne



Um aspecto do estádio de Berlim durante o jogo entre o famoso team «C. F. Aston Villa» e uma equipa alemã seleccionada. Após um renhido combate em que os adversários foram dignos uns dos outros, a Inglaterra ganhou por 3-2



O avião alemão gigante «Preussen», que é rapidíssimo e pode conduzir o melhor de quarenta passageiros



Um dos compartimentos do avião que, como se vê, oferece todos os confortos e comodidades que desejem



A Virgem com o Menino Jesus, por Mino de Fiésolo

EXISTE um sarcófago romano em Florença, encostado á ombreira do Baptistério, que tem várias figuras em alto-relevo, entre as quais se vê entalado



Claustro do Convento de S. Francisco, em Fiésolo

numa porta que se fecha, uma pobre personagem de toga e cabelo á bébé. Não sei bem porquê, mas sinto ainda a angústia da grande impressão que tive ao contemplar aquela obra-de-arte pela primeira vez. Vinha eu de assistir ao desfile duma procissão importante, com muitos padres, muita tropa negra, muitos meninos de côro, um rôr de senhores com fardas ricas de várias ordens e espampanças, muitas cruces e pendões engastados em nichos, muita pompa e muitos cantochões, que com disciplina e impôência, dava a volta ao Campanillo de Giotto e á Catedral, por entre uma multidão compacta, fervente e heterogénia, donde a muito custo, com pisadelas e cotovelões, blasfêmias e espasmos de respiração, consegui escapulir-me, já com o papinho cheio de gôso e relativa perturbação devida aos olhos maganos de duas florentinas de pestanas recurvas como te-lhado japonês, que pareciam lamber-me todo e em disfarçada provocação.

Para cúmulo de tanto espectáculo e de tantas aflições, o homem entalado na porta do relêvo causou na minha sensibilidade uma espécie de ânsia taciturna, que nunca mais esquecerei e de quando

SOB O CEU FLORENTINO

A minha peregrinação encantadora Fiésolo

Gratas recordações que nunca mais esquecem...

em vez me assalta, perseguindo-me como símbolo da minha existência infeliz, to-pando a cada dobrar de esquina das mi-nhas ambições, uma porta terrível que me trilha a meio, me corta o passo, me desalenta e — ai meu Anjo da Guarda! — me encrava a vida, nem para a frente nem para traz, como um tolo no meio da ponte ou um ascensor avariado. E tudo isto porque não me matriculei em grémios, não exerceo os meus direitos de voto, não atropelo o meu semelhante, não uso de idolatrias ou manhas e, sobretudo, não quero nada que a outrem pertença!... Porque sósinho, independentemente, livre, tomando a responsabilidade das minhas incoerências e das minhas maluqueiras românticas, sou amigo do meu amigo e não sou inimigo do meu adversário; por-que me desvio dos charcos, porque adoro adorar e fujo ao desgosto de ter de julgar o que me não agrada, porque me doe o convívio com traficantes de interesses e porque me isolei numa ilusão de Arte e de Justiça, convencidíssimo — a-pesar-da-meia porta do sarcófago e da esquina — de que o Mundo, o Diabo e a Carne não são tão feios como os vi pintados numas litogra-fias que adornavam o corredor dum tio meu que já morreu há mais trinta anos!...

Ora esta cêna do romano atravancado na porta de pedra, veio-me agora á lem-brança quando me preparava para contar da linda e comovida impressão que tive ao subir áquele humilde e delicioso con-ventinho de Fiésolo, acorutlado como uma água ou uma cruz no cimo dum monte, envolvido de luz maravilhosa e de ciprestes decorativas, e onde, como só nos claustros antigos que nos fecham o sonho em direcção ao céu, eu senti um desejo muito íntimo de me esconder num hábito, esquecer os anos das minhas val-devinices excitadas e perdas de enganos, entregar-me a pantêisimos bons e cristãos, talhar uma obra em pedra com sentido contrário ao que as revoluções dos ho-mens inspiram, acabando assim os meus dias em rezas de trabalho, em rezas de contemplação e em rezas de renúncia, com a consciência entre as graças do amor puro e da Arte, por paixão dêsse amor, colhendo das névens, dos pássaros e das flores as sugestões para uma obra simples que ali ficasse ignorada.

Mas o sol de Fiésolo assim como me ia pondo a imaginação em banho-Maria, alagando-me o corpo de suor que já através das roupas ia manchando o granito da pedra onde as minhas cismas procuraram assento ás pernas, assim agora diante da brancura dêsse papel com quem falo, o meu coração

sentiu o golpe opressor da tal porta mi-nha inimiga, avivando-me pela dor a minha débil fé de pecador sem remis-são, para que eu não me estenda com franciscanices provisórias, verificando a tempo nas minhas crenças que depois do batismo ainda não alcançaram definitivas benções católicas, e que ridículo seria, lá porque ninguém neste momento me es-preita, pôr-me aqui a enganar a virgim-dade das folhas de papel e a levantar-me falsos testemunhos de convertido, quando na realidade eu não passo dum valdevi-nos inocente, sem convicções para frade nem juízo para leigo. Não, não! eu tenho de sofrer as máguas todas do meu tempo e dos desvários da minha vida pecami-nosa, arcando com as desventuras duma falta de Fé clara, que me absolvesse de tantos erros e tendo de arrancar coragem á própria vida ingrata onde busco o pão, para morrer um belo dia sem ter reali-zado qualquer sonho, nem obra de jeito nem crença sem mácula, a chamar por Deus e a lastimar-me como Renan da traidora desgraça de pelo racionalismo não ter compreendido as virtudes reli-giosas, ainda que, uma ou outra vez, te-nha sentido as esmolmas divinas!

Fiésolo, portanto, na sua belesa de lugar escolhido pelos irmãos dum Santo Poeta para refúgio e meditação, na sua altura a avisinhar-se do céu, numa em-ternecedora situação de mirante com cem léguas ao redor, de panorama, com águas



Um dos santos de Fiésolo — Retrato de Beato Angélico, por Carlo Dolci

fresquíssimas, árvores miraculosas, flores e passarinhos a perpétuarem os cantos do Poverello de Assis; com as suas pedras romanas e os seus cruzeiros singelos, celas, claustrinhos e bancos de jardim; e com a sua espiritualidade sugestiva, que na hora dos poentes nos beneficiam os pensamentos, quasi na tentação de orar-mos com as vozes dos sinos e dos mon-ges um comovido louvor á luz, que nos diafaniza a vista e os sentimentos, e até os próprios vultos. Fiésolo, repito, não me permite qualquer mentira ou fantasia de escriba, porque "quando um tolo quer enganar os visinhos, manda a moral que o landreiro carregue."

As peregrinações a Fiésolo são constan-tes e concorridas. Todos os dias os carros despejam no largo ao pé da Sé, uma chusma de devotos e de curiosos, que se espalham pelas arenas romanas, pelos museus, pelas igrejas e até pelas cervejarias. Depois trepam ao monte, para aqui arranca além, a verem as tecedei-ras da ladeira íngreme, a correrem as vistas e desdentarem nas fontes do cam-inho, até chegarem ao paredão do alto, cruzeiro alpendrado no meio duma piazzala de adro, com escadarias e capim viçoso.

Fiésolo não é inofensivo brinquedo para as minhas traquinices de garoto. As coisas sérias são sagradas e não admitem mangações. A par da sua idade, foi va-lente e sempre respeitável. Como Vol-terra, Perúgia ou Orvieto, três montes formosos que me enlevaram o coração para sempre, foi uma povoação etrusca das mais dominantes. Bastas são as re-cordações civis e sepulcrais que os mu-seus colecionam e deixam de boca á banda os romeiros parasitas que se es-praiam por estes campos. Consta até que no sítio onde agora medita o mosteiro franciscano, existia uma Acrópole imponente. Os romanos também procuravam aqueles lugares privilegiados para sblimes cultos, anichando-se nos abrigos do vale, onde rasgaram têrmas, abriram teatros e levantaram templos. Florença, além Arno, enraivecia-se. Chegado o Cris-tianismo, surgiram as desavenças entre as visinhanças. As exaltações das nossas fés desencadearam as ferocidades dos inter-esses, apoiando-se em políticas ambi-ciosas de domínio social. O espírito paga muitas vezes as favas das prosaicas mercâncias. As máscaras têm sempre uma expressão contrária das faces que en-cobrem. Florença espera uns séculos e assalta a ridente visinha que a alemori-sava com os seus cânticos religiosos. A sobranceira desta resumia-se à sua situação geográfica com o Arno a lamber-lhe os pés e os Appeninos a defendê-la. O luar e a neve vestindo-a de prata, pro-cavavam engulhos aos burgos sombrios de além. Todos juntos atacaram aquele morro invejado, e ora com derrotas ora com vitórias, conquistaram-no por fim. Mas os tempos, com os seus neveiros misteriosos e com o Sol que nasce para todos, acabou por pacificar as feras, e a comadre loba partiu para Siena e para Roma, a servir heraldicamente de mo-dêlo aos símbolos urbanos.

Mais ou menos é sempre assim que findam as contentas da inveja e dos in-



S. Domingos — pormenor da «Crucificação», por Beato Angélico, existente no Convento de S. Marcos

teresses: — feitos os contratos, cada um fica em casa a contar os lucros e a fin-gir de muito contente. Porém estes, ou não são iguais para todos ou cada qual, julgando-se lesado no seu quinhão, logo na sombra rumina vinganças, falando na paz, na utópica paz que tantas guerras tem provocado.

Uma excepção, contudo, houve no mundo. Nem Florença, nem Fiésolo sonharam com outros domínios do que a glória dos seus passados e a fé nascida dêsse e cultivada com igual amor.

DIOGO DE MACEDO



Um dos artistas de Fiésolo — Busto de Pedro de Medici, por Mino de Fiésolo

O MALPARADO TÚMULO DE D. DINIZ

e o que resta dos despoimortais do Rei-Lavrador

um lugar impróprio, por ser acanhado e com pouca luz. Nestas mudanças padecceu o túmulo lamentáveis estragos. E nas reparações que lhe fizeram, cobrindo com cal e areia as esculturas de mármore mutiladas, deixaram os obreiros e os que superintenderam naqueles trabalhos irreversível testemunho da sua ignorância. E que vergonha para nós, portugueses, que nos ufanamos da nossa civilização, se ali fôr um estrangeiro, e observar aqueles repugnantes emplastros e as próprias mutilações da estátua do Rei-Lavrador!

"Pois êste mausoleu, além do respeito que merece pelo personagem que encerra, é digno do maior apreço pela sua importância para a história da arte em Portugal, porque foi mandado fazer pelo próprio soberano que nêle jaz, porque raros monumentos existem do seu reinado, e não serem torres e castelos, e enfim porque a obra de escultura dêste túmulo, comparada com a do tempo dos nossos três primeiros reis, revela notáveis progressos, não obstante carecer de correcção no desenho, e de perfeição de cinzel."

O túmulo assentava sôbre animais de

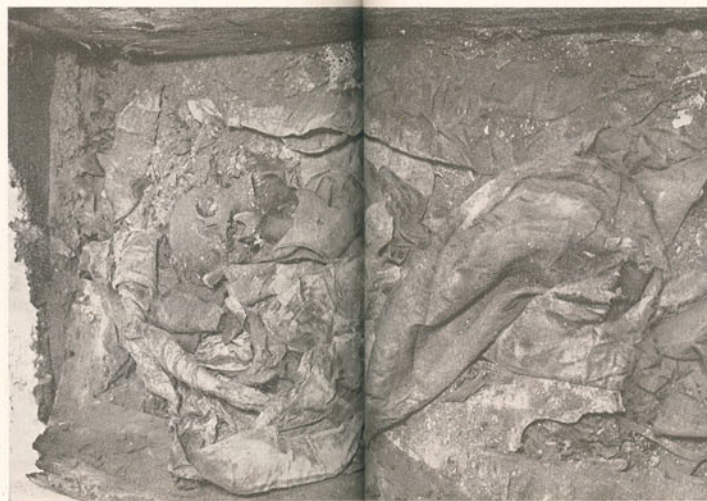
diferente espécie, todos lamentavelmente mutilados, como o urso lançado sôbre o homem, e que, segundo se diz, foi o motivo da fundação do mosteiro de Odiveelas.

No ano de 1294, encontrando-se D. Dinís em Beja, foi montar para uma serra que distava algumas léguas da cidade. Era êste o seu divertimento predilecto. Embora levasse numerosa comitiva, o rei em breve se viu só, porque deitando a correr atrás de uma côrça, tomara tal dianteira que todos os seus o perderam de vista. Em meio, porém, da carreira, já embrenhado numa densa floresta, D. Diniz foi assaltado por um urso enorme que, acometendo-o com tanta violência e tão de improviso, o lançou por terra, de costas, sem lhe dar tempo a defender-se. Ainda assim, o rei não perdeu o ânimo. Num supremo esforço da sua coragem, arrancou da cinta a faca de mato, e cravou-a no peito da fera, com tal firmeza que lhe atravessou o coração.

Quando a comitiva chegou, o soberano acabava de sair vitorioso de tão tremenda luta. Ali mesmo o rei fez voto de fundar um mosteiro para religiosas



A estátua de D. Diniz restaurada em 1836, segundo o desenho de Caetano Alberto — Em alto relevo, na sua antiga capela, vê-se esta a sua lúzia



Foi aberto o túmulo do rei Diniz no mosteiro de Odiveelas. Dêste feito se apurou que o grande monarca era de estatura mediana e usava uma barba ruiva que lhe devia completar, à maravilha, a majestosa figura.

Será esta a última vez que se perturbe o último sono do Rei Lavrador?

Há setenta e tantos anos, já Vilhena Barbosa se referia ao malparado mausoléu com esta franqueza modelar:

"Quando nesta terra houver Governô que mande preservar e restaurar os monumentos nacionais, um dos primeiros deve ser o túmulo del-rei D. Diniz."

E então descreve o estado lastimoso em que foi encontrar o precioso monumento:

"Entrando no templo, à mão esquerda, num vão contíguo à capela-mor, está a régia sepultura..."

"É tódta de pedra, quadrilonga, de 262 centímetros de comprimento por 142 de altura. Em cima está o vulto del-rei, com os pés para o côro, armado e de vestes reais; porém muito mutilado e disforme, mormente o rosto, o colo e as mãos, que estão meio decepadas. Tudo isto tem sido torpemente restaurado com chapadas de cal e areia!

"Ainda mais e pior: o lado frontal dêste importante monumento está completamente estucado de ângulo a ângulo!... Foi por isso que se copiou o oposto, que no outro, só há, em campo branco, umas armas reais inferiores às de qualquer reposteiro de secretaria!

O túmulo de D. Diniz tal como se encontra agora

"Ao lado esquerdo do vulto real se vêem ainda fragmentos de uma figura que deveu de ser a de S. Diniz, segundo o que refere o cronista Frei Francisco Brandão na *Monarquia Lusitana*.

"A parte direita também parece ter havido outra figura, pelo que denunciavam os restos inferiores que ainda se distinguem: mas convém saber que o referido historiador não menciona senão o vulto do santo bispo.

"Os troncos, porém, de todos êstes fragmentos estão hoje substituídos por uns enfeites, à laia de remate de chaminé, feitos de cal e areia, ou coisa semelhante..."

"Tódas as quatro faces, porém, são primorosamente lavradas, e ornadas de escudetes e laçaria, segundo a architectura da época, com seus nichos, contendo cada um duas figuras em vulto, de frades da ordem de Cister, todos com livros fechados nas mãos; e os dois últimos, que ficam aos pés del-rei, sustentam nos braços um archete, ou cofre, com sua fechadura. Todos os nichos têm a mesma conta de frades, excepto o primeiro da cabeceira do túmulo, onde se vê um vulto que parece de rei, em joelhos, e com as mãos postas, aos pés de um prelado, lendo num livro..."

Vinte e quatro anos depois, o mesmo Vilhena Barbosa volta a matraquear, em *O Occidente*, sôbre o deplorável estado do túmulo:

"O primeiro lugar do monumento foi no meio do corpo da igreja. Transferido, ao diante, para a nave lateral junto da parede, da parte da epístola, porque as freiras se queixavam de que lhes não deixavam ver o altar-mor, também dali o arrancaram, deslerrando-o para

O convento de S. Diniz de Odiveelas, segundo uma gravura de lui 76 anos



A estátua jacente que cobria o túmulo de D. Diniz

de S. Bernardo, por ter saído são e salvo de tão perigoso transe. E o caso é que, nesse mesmo ano, (1294) cuidou de dar cumprimento à promessa. Para isso escolheu a quinta que possuía em Odiveelas, lançando ali a pedra fundamental no dia 27 de Fevereiro de 1295 com a maior solenidade.

Foi esta a razão de um dos supostos do túmulo ser um urso subjugando um homem, em memória de perigo que o rei correu na floresta de Beja.

Pena foi que não tivessem concedido a esta sepultura o sossêgo a que todos os mortos têm direito. Se não tivessem andado com ela em bolandas, conservar-se-ia o mais fiel retrato de D. Diniz, pois sendo a estátua feita ainda em vida dêste monarca, o esculptor não podia deixar de lhe dar semelhança com as feições do retratado.

Quando em 1861 se procedeu ao infeliz restauro, a estátua de D. Diniz reapareceu mascarada, consoante o cálculo de quem a restaurou. O Rei-Lavrador assentava a cabeça sôbre uma almofada, mostrando os cabelos crescidos e soltos e uma barba talhada, talvez segundo o último figurino do barbeiro de Odiveelas. Quanto aos pés, puzeram-lhe uns quaisquer apoiados num lebreu que, dentro em pouco, perdia também a cabeça.

Agora, com a abertura do túmulo, o que se aproveitará como documentação histórica?

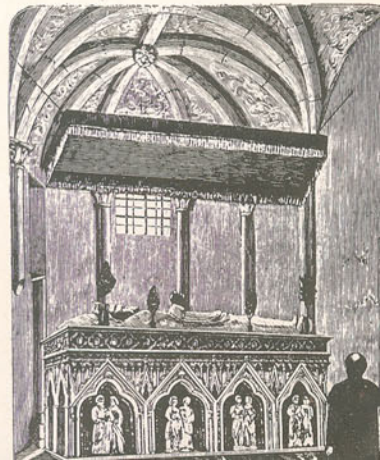
A princípio, ainda julgamos que essa exumação fôsse feita perante uma douta comissão de técnicos em que figurassem médicos, frenólogos, osteólogos, etnólogos, arqueólogos, uma comissão, em suma, que, após um rigoroso exame a tão precioso espólio, lavrasse

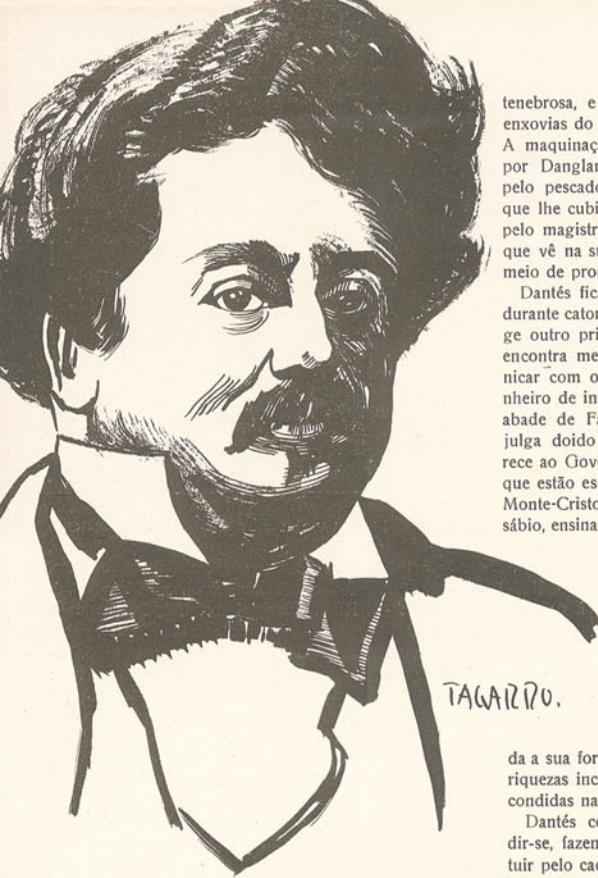
O túmulo de D. Diniz, em 1836, tal como o viu e desenhou Caetano Alberto

um auto que ficaria sendo um documento de altíssima valia para as gerações futuras.

Mas, ao que parece, nada disso se fez. Resta-nos acompanhar na sua dôr a Rainha Santa Isabel que, logo após o desenlace, vestiu o hábito de freira de Santa Clara, que já tinha preparado, desabafando assim junto do régio cadáver:

"Pois Deos por seo grande poder, e Juizo ouve por beam, que ha morte del-Rei meu Senhor, e marido antepassasse ha minha, e seem a sua vida eu fiqou, e sam tanto como morta, e de raaam eu jaa morri com elle, e por esso eu quis logo mudar hos vestidos, e trajos que vêdes, que sam este Abito pardo cingido com esta corda, e este veeo branquo, que ponho sobre minha cabeça porque ha vida, que seem elle viver seja com doo, e tristeza pera sempre, e esto nom faço por seer Freyra, nem teer feito algum voto, e obrigaçam de Religiam como teenho dicto, mas por minha humildade, porque nelle sirva a Deos, nas couzas em que ha sua graça me ajudar."





tenebrosa, e metido nas enxovias do castelo de If. A maquinação é urdida por Danglars, seu rival, pelo pescador Fernando que lhe cubiça a noiva e pelo magistrado Villefort que vê na sua perda um meio de promoção.

Dantés fica prisioneiro durante catorze anos. Surge outro prisioneiro que encontra meio de comunicar com o seu companheiro de infortúnio. É o abade de Faria, a quem julga doido porque oferece ao Governo milhões que estão escondidos em Monte-Cristo. Como é um sábio, ensina tudo quanto

sabe a Dantés: filósofo, arma-o contra os homens e, por fim, quando morre, lega-lhe toda

a sua fortuna, que são riquezas incalculáveis escondidas na ilha.

Dantés consegue evadir-se, fazendo-se substituir pelo cadáver do abade. Sabe que seu pai

Ó êxito obtido pelo romance *O Conde de Monte-Cristo*, de Alexandre Dumas, foi tão retumbante, que logo apareceu um novo livro continuando as aventuras do extraordinário Dantés. Intitulava-se *A mão do finado*, e não fez má figura junto da obra anterior.

Entretanto, Alexandre Dumas com os lucros fabulosos do *Conde de Monte-Cristo* mandava construir uma "vila" luxuosíssima perto de Saint Germain.

Os leitores dos romances deste género deliciavam-se com as extraordinárias proezas de Edmundo Dantés que, de repente, numa mutação de mágica, aparecia arqui-milionário, valente e culto.

Para aqueles que nunca leram *O Conde de Monte Cristo* ou que, tendo-o lido há muitos anos, não se recordam já do seu enredo bizarro, faremos o seguinte resumo:

Edmundo Dantés, rapaz de grandes aspirações, é um marinheiro que está prestes a ser promovido a capitão. Dentro de dias casará com a bela Mercedes que adora. Nisto, é envolvido numa intriga

morreu de fome, Fernando casou com Mercedes e conquistou um título, Danglars é banqueiro, deputado e barão, e Villefort ocupa uma posição altíssima. Empreende a vingança. Os adversários são poderosos, mas também ele é rico e temível. A sua vida ha de ser gasta a castigar os três miseráveis causadores das suas desgraças.

Dantés, torna-se, alternadamente, o abade Busoni, Simbad — o marinheiro, Lord Wilmore e o conde de Monte-Cristo. Ao mesmo tempo que castiga, recompensa. Os seus benefícios estendem-se, sobretudo, em proveito de Morrel, seu antigo armador e de seus filhos, e de Haydée, nobre e bela oriental que lhe restitue o amor perdido. Com os mais engenhosos meios e através das mais complicadas aventuras consegue atingir o seu fim. O seu rival suicida-se, Danglars arruina-se, e Villefort, deshonrado, enlouquece.

Os leitores saboreavam isto com verdadeira gula e pediam mais. Aquela antiga paixão de Dantés pela Mercedes não se teria reacendido? Era indispensável

ALEXANDRE DUMAS E OS SEUS COLABORADORES

A história de «A mão do finado» como continuação do «Conde de Monte-Cristo»

saber tudo por miudos. Vai daí, o nosso Alfredo Possolo Hogan, aproveitando o pouco tempo que as suas funções de empregado na repartição dos correios lhe deixavam livre, escreveu *A mão do finado* em continuação do *Conde de Monte-Cristo*.

Hogan era, nessa altura, um rapaz de vinte e três anos com três ou quatro romances já publicados, não obstante as suas ocupações diárias no emprego que lhe garantia a subsistência.

Morreu muito novo — trinta e cinco anos incompletos — o que nos leva a crer que, se tem durado mais trinta e tantos como o autor dos *Três Mosqueteiros*, tê-lo-ia ultrapassado na produção.

Sim, porque Alexandre Dumas, se assinou 257 volumes de romances e 25 de peças teatrais, teve numerosos colaboradores como A. Maquet, Paul Meurice, O. Feuillet e E. Souvestre. Assim não admira que produzisse tanto e patentesse uma imaginação fértil e variada.

Vem a propósito dizer duas palavras acerca do tal abade de Faria que figura no *Conde de Monte-Cristo*, e que tanta impressão nos causou por ser nosso patriço.

Quem era êle, no fim de contas? Não era abade, não esteve preso do castelo de If, nem morreu lá, como Alexandre Dumas inventou.

Quando êste escritor engendrou o seu romance, êsse tal Faria tinha morrido em Paris havia vinte e cinco anos. Dumas devia tê-lo conhecido, pois era já, nessa altura, um rapaz espigadote, ao qual começava a desportar o encarapinhado bigode de crioulo.

Se, em vez de inventar a história do tesouro escondido na tal ilha, Dumas tivesse relatado honestamente a vida dessa personagem, não teria necessidade de recorrer à imaginação dos seus numerosos colaboradores, porque as aventuras vividas e provadas do biografiado lhe dariam pano para mangas.

José Custódio de Faria nascera em Candolim, nas lindas paragens de Goa, em 1756. Tendo completado desasseis anos, seu pai levou-o para Roma, a fim de o douturar em teologia. O rapaz, que era inteligentíssimo, completou o seu curso com grande brilhantismo, che-

gando a ser considerado em Goa como um dos mais eloquentes oradores do seu tempo.

Mas, a verdade é que não se sentia fadado para sacerdote, visto acalentar mais largas ambições. Daí o ter tomado parte numa conspiração que o levaria ao cárcere senão ao cadafalso. Conseguiu pôr-se a salvo, tomando o rumo da França, onde a Revolução começava a crepitar. O nosso Faria, dando largas ao seu feitio impulsivo e aventureiro, lançou-se com tal entusiasmo na corrente dos acontecimentos que, dentro em pouco, era considerado



um terrorista de categoria. Comandou uma das secções que no 10 Vindimiário marcharam sobre a Convenção, e que Bonaparte varreu com lufadas de metralha.

Como não lhe corresse o vento de feição, passou-se para Marselha, a ver no que paravam as modas, e, quando o sossego foi restabelecido, voltou a Paris, dizendo-se hipnotizador à maneira indiana. Alcançou tal fama que chegou a ser posto em cena, num *vaudeville*, intitulado *Magnestimomania*.

Mas o nosso Faria, além de entreter uma numerosa clientela, ainda encontrava tempo para se dedicar às letras. Da sua ciência nos dá conta no seu livro *Da causa do sono lúcido ou estudo da natureza do homem*, assinando-o como *Padre Faria, brahame, doutor em teologia, etc.* Esta obra foi publicada em Paris, em 1819, isto é, no ano em que o seu autor morreu.

Eis quem foi o abade de Faria que Dumas faz morrer no Castelo de If, e que, em boa verdade, se finou sossegadamente na capital francesa, sendo o seu passamento muito sentido pelos seus inúmeros admiradores.

Mas, o mais engraçado é que, tendo Alfredo Hogan escrito *A mão do finado* em continuação do *Conde de Monte-Cristo*, logo a obra foi traduzida em francês, dando-se-lhe como autor um tal F. C. Prince. A edição francesa atravessou em seguida o Atlântico e foi parar ao Brasil, onde o *Diário do Rio de Janeiro* a acolheu tão carinhosamente, que a começou a publicar, traduzida de novo para português, dando a boa nova aos seus leitores nos termos seguintes:

“Mr. Dumas, sempre fértil em pensamentos, com uma alma em que transluz o espírito, compreendeu a importância que tinha o seu romance, quando viu o acolhimento que se lhe deu na Bélgica, França, Portugal, em outros países da Europa, e até no Brasil; julgou tão acertado continuar essa história, que muito tem de moral, e em a qual o herói representa um papel tão extraordinário, e deu à luz um outro romance com o título *A mão do finado*, que acabamos de receber, e a que damos publicidade, certos de que os nossos leitores lhe darão subido apreço.”

Meses depois, em 31 de Janeiro de 1854, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, inseria a seguinte carta do próprio Alexandre Dumas:

Sr. Redactor.

Soube que se publicou no Rio, isto é, numa das cidades da América do Sul, onde tenho a honra de ser mais conhecido, graças à benevolência que sempre me testemunharam os leitores que conto nessa bela e poética cidade, um romance que fazem passar por ser meu, e é anunciado como a continuação do *Monte Cristo*.

Nunca fiz, e, ainda que freqüentes vezes solicitado nesse sentido, provável-



mente nunca farei a continuação desse livro que me parece dever acabar vagamente e num horizonte perdido como um conto das Mil e Uma Noites ou um poema de Byron.

Peço-lhe, pois, a fineza, sr. Redactor, cujo jornal tão espalhado está no mundo literário e político, de desmentir em meu nome essa notícia que será talvez sem importância para outros, mas de uma certa gravidade para mim.

Digne-se aceitar, sr. Redactor, os meus mais sinceros agradecimentos.

Paris, 20 de Outubro de 1853.

ALEXANDRE DUMAS.

Final, não se compreende lá muito bem o melindre do autor do *Conde de Monte Cristo*. Tendo tantos colaboradores como teve, Alfredo Hogan seria mais um — e muito razoável.

Houve já quem tivesse somado os muitos milhares de páginas da obra assinada por Alexandre Dumas, acabando por provar que nem que o autor dos *Três Mosqueteiros* tivesse vivido o dobro dos anos que viveu não teria tempo para escrever tudo aquilo.

Ora, a razão do Dumas protestar contra a autoria do romance *A mão do finado* baseou-se única e exclusivamente no facto de nada lhe render, e êle ser contrário — e muito bem — às honras sem proveito.

Lá que o livro não destoava do romance de que se dizia continuação, provou-o o agrado do público que o acolheu delicado. Os próprios franceses “chamaram-lhe um figo”, como se costuma dizer, traduzindo-o para a sua língua, antes que arrefecesse...

EM certa sociedade estava uma senhora sentada junto ao fogão, contando uma história. As pessoas presentes, muito entretidas a ouvi-la, não prestaram atenção a uma faúlha que, despedida do fogão, foi saltar no vestido da narradora, começando a queimá-lo.

Na ocasião em que todos lhe acudiram, o dono da casa disse com a maior ingenuidade:

— Eu tinha já notado que o vestido de V. Ex.^a estava ardendo; porém não quiz interromper o seu conto, por ser isso uma acção que denotava falta de delicadeza!

— Gostas de jantar nos hotéis?
 — Não: prefiro sempre jantar em casa de meu sogro.
 — Comes melhor?
 — Não é por isso; é porque se torna mais económico!

Num animatógrafo, um rapazote estava sentado por trás de uma menina com quem êle muito simpatizava.

Estava atrapalhado, sem saber como lhe deveria dirigir a palavra.

Mas, de repente, viu um insecto que atrevidamente subia pelo chaile da sua encantadora vizinha, e, julgando ter encontrado um bom ensejo, disse muito depressa:

— Minha senhora! previno V. Ex.^a que tem atrás de si um animal...
 — Desculpe-me — respondeu ela sorrindo — não sabia que o senhor estava aí!

Entre bebedores:
 — Não há nada melhor do que um copo de vinho.
 — Oh! isso há!
 — Então o que é?
 — Um garrafão!

Um filósofo, vivendo só, escrevia na cama, aquecendo-se com o seu próprio fato, à falta de lenha.

Certa ocasião bateram-lhe à porta.
 — Quem é? — perguntou êle.
 — Abra — responderam-lhe.

Ele puxou um cordel, que na cabeceira da cama ia prender ao fecho da porta.

O filósofo sem levantar os olhos do que estava escrevendo, perguntou:

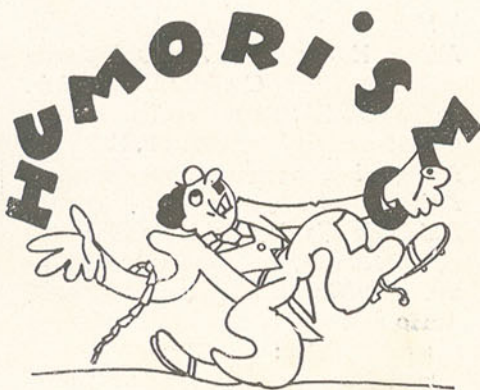
— Quem é, e o que pretende?
 — Quero dinheiro.
 — Dinheiro?!
 — Sim dinheiro, e depressa.
 — Ah! — já entendo: então o senhor é um ladrão?

— Seja, ou não seja, preciso de dinheiro.

— Nêsse caso, procure aí. É pouco, mas não tenho mais.

• E acenou com a cabeça para designar-lhe uma perna das calças, que tinha deitados à roda do pescoço para se aquecer.

O ladrão meteu a mão no bolso das



calças, e depois de remexer bem, disse:

— Mas aqui não há dinheiro!
 — Decerto que não: mas há lá uma chave.

— Cá está.
 — Justamente, essa. Ora vá abrir aquela gaveta da papelreira.

O ladrão meteu a chave noutra gaveta.
 — Não é aí, não é aí — tomou o sábio — aí só estão os meus papéis; não mexa que m'os desarranja... com a fortuna! já lhe disse que aí só estão os meus papéis! — Na outra gaveta de lá, na outra, é que está o dinheiro.

— Já achei...
 — Pois bem, tire-o, feche depois, a gaveta e dê cá a chave.

O ladrão, tendo metido na algibeira todo o dinheiro que achou, retirou-se apressadamente.

— Senhor ladrão — grita o filósofo — feche a porta, feche a porta para si... Então êste cão não me deixa a porta aberta!... Não tenho remédio senão levantar-me com o frio que faz! Excomungado ladrão!

E o pobre filósofo salta da cama, embrulha-se nos cobertores, vai fechar a porta, e torna para a cama a continuar o seu trabalho, sem pensar talvez que não tinha um vintem para comprar um pão para o seu almoço.

Um pedante gabava-se num salão, de ter percorrido o mundo inteiro, de comboio, de automóvel, etc.

— Pelo que oiço — diz-lhe uma senhora — V. Ex.^a deve conhecer a fundo a Geografia.

— Muito bem, minha senhora, essa é talvez a mais linda de Itália!

Uma criada furtou um anel de valor à sua patrão; sabendo ela que a ama tencionava ir consultar um "adivinho", à cerca do furto, tratou logo de o ir procurar e contou-lhe o sucedido, pedindo-lhe que a salvasse da vergonha.

Ele perguntou-lhe se em casa haveria alguma ave; ela informou-o de que lá só havia um côrvo.

— Bem, então vá para casa e meta o anel dentro dum miolo de pão e dê-o ao côrvo.

A patrão foi consultá-lo, recebendo como resposta que a criada estava inocente e que o anel tinha sido engulido por qualquer ave preta que tivesse em casa.

Ela tratou de matar o côrvo e encontrou o anel.

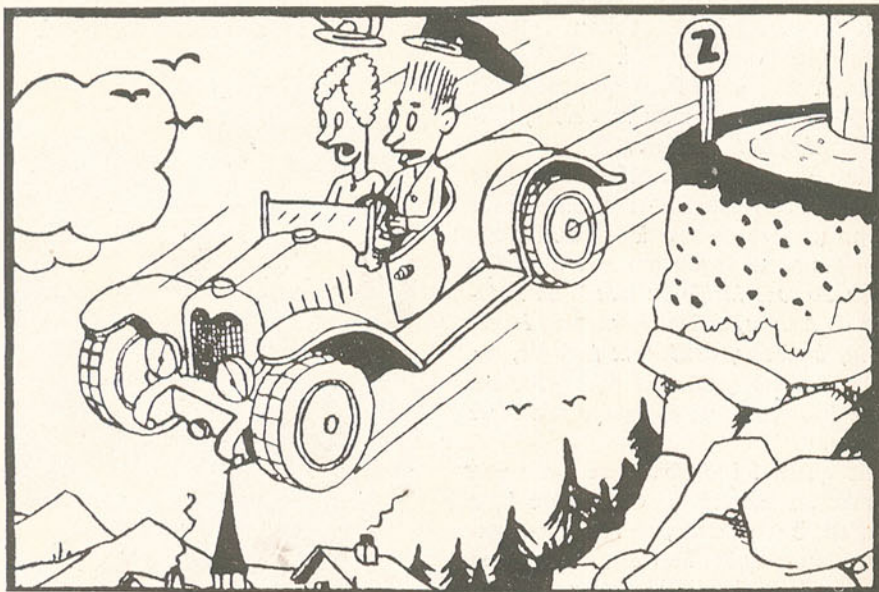
Gratificou generosamente o "adivinho", e êste ficou com grande fama de adivinhar... o que os outros lhe diziam...

Um gascão dizia:
 — Tenho um aspecto tão guerreiro, que quando me vejo ao espelho, até tenho medo de mim mesmo!

Um velho de 70 anos, acusado dum crime grave, foi condenado a vinte anos de degredo.

Quando ouviu ler a sentença, exclamou entusiasmado:

— Obrigado! senhor juiz. Nunca esperei viver tanto tempo!



— Estamos perdidos... Os travões não funcionam!!

FIGURAS E FACTOS



Retrato de senhora — primoroso óleo exposto pelo pintor Portela Júnior no S. P. N. e que tão flagrantemente patenteia a maleabilidade da técnica do ilustre artista



Acaba de aparecer a 2.^a edição corrigida do romance *Mudança de Ares*, do dr. Samuel Maia. O êxito obtido pela primeira edição mostra bem como o público aprecia as obras deste ilustre escritor que, relacionando o leitor com as personagens dos seus livros, o empolga, de página a página, num crescendo de emoção, e sempre adentro do mais rigoroso estudo psicológico. As personagens que o dr. Samuel Maia nos apresenta vivem como nós vivemos e sentem como nós sentimos, quer seja as que se movimentam na *Dona sem dono* ou no *Sexo Forte*, quer em outros trabalhos de execução magistral. Temos portanto uma nova edição do já famoso romance *Mudança de Ares* que vem na altura própria. Eis o livro ideal para quem, aproveitando a quadra que se aproxima, decide ir tonificar os pulmões e repousar das fadigas duma labuta intensa. Saiu a 2.^a edição, o que constitui uma prova absoluta do valor do livro num meio como o nosso em que há poucos leitores. E esta 2.^a edição — reparem bem — é de facto e de direito



Leonel Cardoso, do Grupo dos Humoristas Portugueses, e autor aplaudido do *Ferro-Velho*, acaba de publicar a interessante conferência *O Humorismo e a Mulher* que realizou no Grémio Alentejano com tôdas as honras inerentes



O segundo banquete anual das casas comerciais centenárias de Lisboa realizado na Associação Comercial e que teve a assistência das principais figuras do Corpo Diplomático, e larga representação de individualidades de categoria. Constituiu uma justa homenagem às virtudes profissionais exemplares do Comércio Português. A gravura acima mostra a mesa que presidiu ao banquete

No próximo número publicaremos a reportagem gráfica das festas comemorativas do XII aniversário da Revolução Nacional



Infanta D. Maria Isabel Francisca de Bragança

D. JOÃO VI, tendo sido o monarca mais bonacheirão e amigo do sossêgo, que Portugal conheceu nas suas três dinastias legítimas, foi também aquele que, por ironia do destino, teve o reinado mais tempestuoso.

E, como todas as tempestades são sempre cobertas por densas nuvens, a vida do último rei do Reino Unido ainda hoje se apresenta com pontos ocultos que historiadores, mais ou menos apaixonados, tentam decifrar a seu modo, consoante as suas conveniências...

E, então, as nuvens vão correndo, conforme o vento que lhes dá...

Ora, o magnífico livro *As Senhoras In-*

fantas filhas de El-Rei D. João VI, que Angelo Pereira acaba de publicar, é dos poucos que merece uma atenção especial, não só pelos documentos inéditos que encerra, como pela imparcialidade que o orienta.

Por ali desfilam as senhoras infantas com todas as suas virtudes e defeitos, com todas as suas taras e caprichos, com todas as suas alegrias e desventuras, impelidas pela vontade férrea de sua mãe D. Carlota Joaquina que teria sido um grande rei de Espanha... se a Natureza não a tivesse condenado a pertencer ao sexo feminino.

De entre as seis infantas, que Angelo Pereira nos apresenta, destacaremos D. Maria Isabel Francisca de Bragança, que foi segunda esposa de Fernando VII e fundadora do Museu do Prado.

Mas, sigamos Angelo Pereira na sua evocação tão rigorosamente documentada:

A linda Princesa D. Maria Isabel Francisca de Bragança, terceira filha de D. João VI e de Carlota Joaquina, desde o seu nascimento até à sua ascensão ao trono de Espanha, passa quase desconhecida, conseguindo não apenas recolher, a seu respeito, dos cronistas do tempo, ligeiras referências.

Em 1816, quando foi combinado o casamento da Infanta D. Maria Isabel entre as côrtes do Rio de Janeiro e de Madrid, contava a Princesa 19 anos. Não foi um enlace de amor. As negociações prenupciais presidiu puramente um objectivo político; mas a que havia de ser segunda esposa de Fernando VII fascinou-o pela sua beleza peregrina e natural bondade. Ao traçarmos este esboço biográfico te-

DE ESPANHA NEM

A odisseia de uma Princesa que veio ao Mundo

mos à nossa frente o esplêndido retrato da Infanta portuguesa, do pintor espanhol Vicente Lopez, admiravelmente gravado por Rafael Esteve. Busto adorável e opulento, oval de linhas delicadas, testa elevada, boca pequenina, lábios carnudos e o colo branco, espumante de rendas de preço.

D. Maria Isabel Francisca, contudo, não escapou à tara de família. Desde muito nova que sofria de ataques epiléticos, *accidentes*, como ela própria lhe chama numa carta que escreveu de Madrid a seu pai...

Em julho de 1816, embarca na companhia de sua irmã D. Maria Francisca de Assis, com destino a Cadiz, afim de desposar Fernando VII, Rei de Espanha. A partida fôra retardada, em virtude de se esperar a todo o instante o desenlace de sua avó que se achava moribunda. De facto, a Rainha D. Maria I faleceu precisamente no dia que fôra designado para o embarque das infantas. Em Cadiz, tiveram as duas Princesas um pomposo acolhimento.

No dia 5 de Setembro, logo de manhã na igreja paroquial, o Bispo de Cadiz abençoava o enlace de S. Majestade D. Fernando VII com a Infanta D. Maria Isabel Francisca de Bragança. Foi efêmero, porém, o reinado da desditosa filha de D. João VI. Nos fugazes dois anos, que viveu como Rainha dos espanhóis, exerceu no ânimo do seu real esposo uma suave e benéfica influência, à qual se refere Modesto Lafuente na *Historia General de España*:

«A Rainha Isabel de Bragança empregava todos os esforços, não só para cativar seu régio e esposo, mas também para afastar de D. Fernando VII e da côrte as maléficas influências que o conduziam por maus caminhos. Para isso servia-se de todos os recursos lícitos e louváveis de mulher e esposa, fazendo valer as virtudes de que era dotada e estudando os meios de agradar a

BOM VENTO... para ser infeliz

seu marido, indo ao ponto de procurar até satisfazer-lhe os seus caprichos. Fernando VII parecia que não era indiferente aos atractivos e carícias da sua segunda mulher...

E a seguir Lafuente conta as esperanças que os liberais depositavam na jovem Rainha.

Outra esperança dos liberais, a amável e virtuosa Rainha Isabel, não tardou a faltar lhes de um modo bastante triste e digno de lástima. Embora Isabel não con-



Gravura alegórica à morte de D. Maria Isabel de Bragança, esposa de Fernando VII

seguisse afastar de junto do Rei as influências perniciosas, nem substituir as inclinações e tendências de seu carácter, dominava-o suavemente, evitando assim que se precipitasse em maiores desatinos.

Já lhe tinha proporcionado as docuras da paternidade, dando à luz, embora com grave perigo em 21 de Agosto de 1817, uma Infanta, à qual foi posto o nome de Maria Isabel Luiza.

A Rainha, dando o exemplo de uma boa e amorosa mãe, alimentava a filha ao seu próprio seio. O povo via na Princesa um laço que estreitaria as relações entre o Rei e a Rainha; mas, por desgraça, a sua constituição débil prometia uma vida curta, vindo a falecer poucos dias depois de vir ao mundo (19 de Janeiro de 1818).

De novo renasceram as esperanças da sucessão. Fernando ia a ser pai pela segunda vez. Deus não quis conceder êste dom ao monarca nem ao reino.

Achando-se a virtuosa e amável Isabel no último tempo de gravidez, foi acometida de um violento ataque epilético que a vitimou quase súbitamente em 26 de Dezembro de 1818. Grande dor sofreram os espanhóis, e o Rei sentiu a maior aliação de toda a sua vida. As circunstâncias em que se deu a morte da Rainha foram efectivamente terríveis. Submetida à operação cesariana, a desventurada mãe, que supunha morta, soltou um gemido agudo o que demonstrou o engano dos médicos

quando a julgaram sem vida. Horrível devia ter sido a impressão deste acontecimento, se foi verdadeiro, e não forjado, como afirmavam os que pareciam estar melhor informados.

Com a morte de Isabel, caiu outra vez Fernando VII nas mãos funestas da sua camarilha.

Era tal a preocupação da jovem Rainha de conquistar o amor do Rei que uma vez, quando Fernando VII regressava talvez duma das suas muitas aventuras amorosas, foi abordado, num dos corredores do Palácio, por uma rapariga vestida de andaluza, com as suas belas feições ensombradas por uma rica mantilha branca, os seus encantadores olhos azuis a tremem com o riso e as mãos adoráveis segurando as castanholas. Dançou alguns passos de uma dança sevillhana, antes de fazer a vénia a Sua Majestade. Quando o Rei notou que aquela deliciosa mulher era a Rainha, ficou admirado e sentiu-se mais atraído pelos seus encantos.

Infelizmente a suave influência de D. Maria Isabel sobre Fernando VII era de pouca duração. Fraco por natureza, deixava-se dominar por homens dissolutos como o duque de Alagon e o seu criado Chamorro. Talvez a vivacidade e a ternura de que Isabel se servia para ganhar a afeição de seu marido tivessem obtido êxito em qualquer outra côrte menos corrupta do que a de Madrid. Mas a corrente de uma influência pura e doce foi estorvada pelo efeito estagnante da adulação e mentiras; e o Rei afastou-se de uma vida doméstica

feliz, esforçando-se, todavia, por satisfazer a sua jovem esposa, dando-lhe mostras públicas de favor, mandando transformar para ela, em jardim paradisíaco, o "Buen Retiro". Quando a Rainha ali passeava, entre flores maravilhosas, suspirava sempre por frequentes sinais de amor e confiança do marido que teriam, decerto, enchido o seu coração com uma alegria imensa.

Alagon e Chamorro formavam, porém, uma barreira insuperável entre o real par e todos os esforços da Infanta Maria Isabel pareciam impotentes para a destruir.

Os amáveis cumprimentos do Rei a sua esposa sossegavam por vezes o espírito inquieto de D. Maria Isabel e consolavam-na com a esperança de que, se não era a primeira na sua confiança, pelo menos não tinha rival no seu coração. Mas êste lenitivo não persistiu por muito tempo. Chegou o dia em que ela compreendeu que o homem que tinha sido traidor para com seu pai, mãe, família e amigos, também era falso para com sua mulher.

Desiludida com o marido, passou a dedicar-se exclusivamente a sua filha e nunca se sentia feliz como quando, sôzinha, cuidava dela. Mas até essa terrível afeição lhe foi arrebatada pela Parca cruel. A Rainha também pouco tempo lhe sobreviveu. Em 26 de Dezembro de 1818, sucumbiu no meio de dores atrozes.

A notícia do falecimento de D. Maria Isabel de Bragança impressionou toda a Espanha.



Princesa Carlota Joaquina



O Infante D. Carlos e o general Zumalacaregui, combinando planos de ataque, no meio das suas tropas



Angelo Pereira

ANGELO PEREIRA.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Sí-mões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga lingua-gem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinóni-mos e língua); F. Torrinha; A. Coim-bra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Kifoneiro de Pedro Cha-ves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Re-belo Hespanha; Lusíadas; Dicioná-rio de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 6

(2.º NÚMERO DO TORNEIO)

TOTALISTAS — 21 pontos

Agasio, Ramon Lágrimas, Sol de Inverno, Dama Negra, Infante e Pimpas

OUTROS DECIFRADORES

M. A. P. M. — 16. Ti-Beado — 16. Matina — 15. Visconde X — 12. Zarabasto — 9. Diri-so — 9.

DECIFRAÇÕES

1 — Conforme. 2 — Omnimodo. 3 — Sóbrio. 4 — Amadora. 5 — Sobreaviso. 6 — Camélia. 7 — Siá. 8 — Feira. 9 — Demanda. 10 — Rapazada. 11 — Esganarelo. 12 — Abafada. 13 — Bananada. 14 — Vela. 15 — Macaco. 16 — I(gna)vo. 17 — Ca(ti)ta. 18 — Fu(zi)la. 19 — Mo(r)ta. 20 — Ver-da(de). 21 — A arte é longa e a vida é curta.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

No declínio. Satisfação aos meus «credores»
*Ao exímio artista do verso e do lápis «Olegua»
e com vista a «Edmaro»*

(Ref. à Charada n.º 10 e 13)

1) Confrade, amigo e senhor! — 12-10-5-13-3
Venho, grato, confessar — 1-9-6-11-13
Dever-lhe mais dum favor. — 9-10-3-7-6
E vou desta p'ra melhor
Sem que lhos possa pagar!

Folgação («desengraçado» ..) — 5-13-8-5-13
Agradece-lhe a brincar; — 9-13-3-1-3
— No último lisongeado... — 1-9-4-2-13
Um vaidoso «encapotado» ..
P'ra que lho hei-de ocultar?

Um triste a fingir ter graça! — 11-6-2-3-13
Dei-lhe mau pago, por fim, — 13-9-6-2-4
Dando a resposta em chalaça. — 12-3-13-7-13
Que ideia farão de mim
Os charadistas de raça?!

Diz um dos meus detractores — 7-10-3-12-13
Que eu tenho mais dum defeito! — 11-13-5-13-1
Têm razão os meus censores; — 7-13-11-12-4
Conhecem alguém perfeito?!
Mas de esquecer os favores

Ninguém me pode acusar; — 11-13-12-1-3
A paga? Essa é impossível. — 2-3-1-5-13
Mas se a lembrança é pagar — 9-6-11-12-10
Ela é flor imarcessível
— E não o digo a brincar .. —

Dentro deste coração
De edipista feito à pressa,
Que só o foi por paixão
De fazer versos, confessa,
E é sincera a confissão...

Lisboa

Sileno

(A Ordisi, agradecendo o seu amável postal,
e a Sileno as suas palavras amigas)

2) Acuso o seu postal. Mas oh! Confrade!
Não me confunda assim, dessa maneira...
Com tantos elogios!!! Sai asneira,
Pois concerteza estoiro de vaidade.

A culpa é de Sileno... e na verdade,
Eu sinto fumegar a mioleira!
Com essa encantadora brincadeira,
Serei então a tal celebridade!

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 15

E p'ra que saiba a nova geração, — 2
Terei um dia estátua .. de latão,
E ao Pórtio d'Honra, mesmo, não me furto.

Diabo! Não se assistem! Pois contudo, — 1
Eu nunca pedirei um sobretudo,
Como fez o Doutor Ramada Curto!

Lisboa

Rocambol (T. E.)

3) *Afim* de ganhar a vida — 2
Vim para terras de França;
Mas à minha aldeia qu'rida — 1
Não há terra parecida,
Nem que tenha semelhança.

Lisboa

Mirones (L. A. C.)

SINCOPADAS

4) Tóda a paixão do «Caliça»
Era a linda «Cotovia»,
A fadista mais castiça
Do bairro da Moiraria.

Porém, outro a requestava,
Esse um fadista de Alfama,
A quem «Caliça» odiava,
Alma em fogo, peito em chama!

Certa noite, ao regressar,
A casa, êsse apaixonado,
Viu-a no pátio a falar
Com o rival odiado.

Ficou livido de espanto,
Olhos pregados no chão.
Quebrara-se o seu encanto,
Morrera seu coração!...

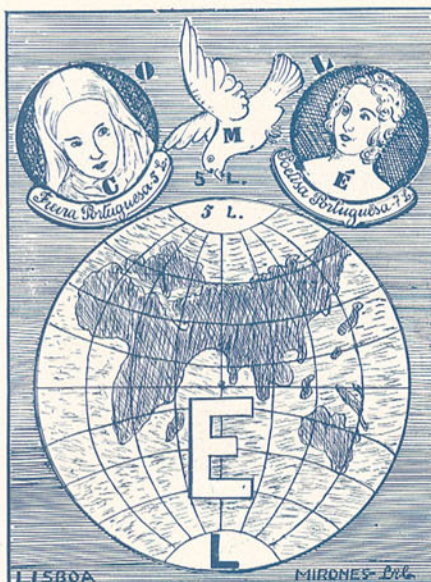
Moralidade: — Em amor
.. como o jógo, a mulher...
Nunca sai ao jogador,
Só sai a quem cla quer... — 3-2

Lisboa

Dama Negra

5) Numa aula de português,
O professor, que era mouco,
Disse para os seus alunos:
Gritem alto... — Oiço pouco.

21) ENIGMA FIGURADO



Está claro, a discordância
Foi-lhes de fácil manejo,
Pois sempre será assim,
Desde que haja um bom ensejo.

Sem cinco réis de juízo —
Mas com origem nos gestos —
Ali se manifestavam...
Para o mal todos lestos.

Até que aborrecidíssimo
O mestre uma vez se ergueu
E clamou muito irritado:
Hoje alguém aqui nasceu? ..

Responde-lhe um dos alunos,
Fingindo dar-lhe lições:
— Isto é, senhor professor,
Sociedade de as nações ..

Lisboa

Adeusinho L. A. C.)

TRABALHOS EM PROSA

SINCOPADAS

6) O teu gaiato trazia um grampo na mão. — 3-2

Luanda

Dr. Sicascar (L. A. C.)

7) O provinciano só se sente bem longe da
multidão. — 3-2

Lisboa

Rina (L. A. C.)

8) O governador impôsto pelos espartanos aos
povos vencidos tem a cabeça cheia de concelhos.
3-2

Lisboa

Príncipe Alex Karkejoff (M. D. C.)

9) É muito leviano todo o homem que seja
casquilho. — 3-2

Lisboa

Ramon Lágrimas (T. E.)

10) A uva é boa mas o vinho é uma pechincha.
— 3-2

Lisboa

Edilva (Abexins)

11) O casamento é um sacramento e o divórcio
é uma mania. — 3-2

Lisboa

Néguis Veiga (Abexins)

12) Os povos mais francos que existem são os
portugueses. — 3-2

Lisboa

Rás Ferriobatos (Abexins)

13) Depois da morte do tio foi chamada a po-
lícia para resolver a questão útil. — 3-2

Lisboa

Augusta Victória (Abexins)

14) Some-te! e procede como entenderes...
— 3-2

Lisboa

De Negro (M. D. C.)

15) O tostão de prata foi marcado sem malícia.
— 3-2

Luanda

Ti-Beado

16) Por seres o mais pequeno tens o maior ca-
rinho. — 3-2

Coimbra

Avlis Yur

17) Pobre peixe! Foste reduzido ao miserol
pacote. — 3-2

Lisboa

Anibal O. Martins

NOVÍSSIMAS

18) Envio-lhe o recibo da quantia paga e a res-
posta foi de que não estava ao «corrente» da za-
ragata havida com a gente reunida para a ma-
língua. — 2-2

Lisboa

Palavra de Honra (Abexins)

19) A verdadeira alma que sente, o bem pra-
tica especialmente. — 3-2

Lisboa

Mirones L. A. C.)

20) É um defeito extremo a injúria. — 1-2

Lisboa

Ricardo (T. E.)

Tóda a correspondência respeitante a esta
secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo,
redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º
— Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No PALÁCIO SABROSA

Nas noites de 4, 5 e 6 do corrente mês, realizou-se nos belos jardins do antigo Palácio Sabrosa, à Praça Marquês de Pombal, um «Arraial Popular» organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da benemérita instituição Casa de Protecção e Amparo de Santo António.

Haverá além de divertimentos que são de uso nestas festas populares, exibição de vários ranchos com danças características, fados e guitarradas.

No ODEON

Com uma enorme e selecta concorrência, efectuou-se na tarde do dia 20 de Maio, último, no Odeon, uma interessante festa de caridade, levada a efeito por uma comissão de gentis senhoras solteiras, pertencentes à nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Ana Teles da Silva Pacheco, D. Maria Cecília de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria Eugénia Valente Moreira Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Francisca Teles da Silva Pacheco, D. Maria Helena Burnay de Almeida Belo, D. Maria Isabel de Aguiar de Andrade Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Regina Coelho Lisboa e D. Tereza de Castro Pereira Guimarães, cujo produto se destina a favor da pobreza envergonhada.

O programa que foi organizado a capricho, foi executado na íntegra, deixando a melhor impressão na assistência.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

No JARDIM CINEMA

No salão do Jardim Cinema, à Avenida Alvaros Cabral, realizou-se organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Alice Canela Infante de La Cerda, D. Amélia de Oliveira Gomes, D. Berta Folque Pessolo, Condessa de Monte Real, Condessa de Valenças, D. Ernestina Vaz de Oliveira Soares, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Herminia de Barros Dias Ferreira Magalhães e Meneses Vilas Boas, D. Joana Folque de Azevedo Souto, D. Júlia Vilar, D. Luiza de Andrade Afonso dos Santos, D. Margarida de Melo Breyner Cardoso de Meneses, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Serodio (Sabrosa), D. Maria Amélia de Arriaga Xavier da Costa, D. Maria Cândida de Abreu Gouveia Carreira de Oliveira, D. Maria da Conceição Seabra de Oliveira (Tojal), D. Maria Isabel Roldan y Pego Ramires, D. Maria Tereza Salema Garção, D. Rita Sommer Pereira e D. Tereza de Sousa Gomes, na tarde do dia 20 de Maio, passado, uma interessante festa de caridade, que constou de cinema, seguido de «chá», tendo também havido em um salão reservado animadas partidas de «Mah-jong», «Bridge», e «Bluff», revertendo o produto a favor das Obras para Crianças, da Freguezia da Lapa.

A festa que decorreu sempre no meio da maior animação deixou uma bela recordação na selecta assistência, que enchia por completo o vasto salão do Jardim Cinema.

Casamentos

Presidido pelo prior da freguesia dos Santos Reis, ao Campo Vinte Oito de Maio, reverendo Silvestro José Gonçalves, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta, com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.^ª D. Maria Nídia de Sousa Sampaio Garrido, gentil filha da sr.^ª D. Amneris de Sousa Garrido e do nosso querido amigo sr. Carlos de Sampaio Garrido, ilustre ministro de Portugal, na Argentina, com o também nosso

amigo sr. Joaquim Miguel de Serra e Moura, filho da sr.^ª D. Maria da Conceição de Borja Trindade de Serra e Moura e do nosso prezado amigo sr. Tomás de Lemos de Serra e Moura.

Fôram madrinhas a mãe e a tia, avó paterna da noiva, sr.^ª D. Maria Quintela de Sampaio e de padrinhos os tios materno e paterno dos noivos sr. capitão de infantaria e comandante do 4.º batalhão da Legião Portuguesa, Paulo Benard Guedes e António de Lemos de Serra e Moura. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos, a sua bênção.

Terminada a cerimónia, durante a qual fôram executados vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida da Liberdade, um finíssimo lanche.

Os noivos a-quém fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, partiram de automóvel, para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paróquia de São Mamede, celebrou-se o casamento da sr.^ª Lisina Pareto Rebelo Alves, interessante filha da sr.^ª D. Lily Rebelo Alves e do saudoso professor sr. dr. Silvio Rebelo Alves com o sr. Emanuele Consigliere, filho da sr.^ª D. Ersilia Ventura Consigliere, tendo servido de madrinhas a avó materna da noiva, sr.^ª D. Isabel Palos Pareto e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. Carlos Silvio Pareto Rebelo Alves, irmão da noiva e Giuseppe Consigliere, irmão do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Genoveva, Itália, para onde fôram fixar residência.

— Para seu filho Alfredo, distinto engenheiro, foi pedida em casamento pelo sr. Alfredo de Melo Vaz Pinto, a sr.^ª D. Maria Luiza de Albuquerque Pimentel da Costa Brandão, gentil filha da sr.^ª D. Maria Luiza de Albuquerque da Costa Brandão (Ervedal da Beira), e irmã do nosso amigo sr. dr. Costa Brandão, notário privativo da Câmara Municipal de Lisboa, devendo a cerimónia realizar-se ainda este ano.

— Celebrou-se na Basílica da Estrela, presidido pelo reverendo prior da Lapa, Monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.^ª D. Maria Tereza de Azevedo Trindade Chagas, interessante filha da sr.^ª D. Olímpia de Azevedo Chagas e do sr. Bernardino Raul Trindade Chagas, com o sr. Abel Fernandes Ramos, filho da sr.^ª D. Aurora Redenção Fernandes Ramos e do sr. Justino Correia Ramos.

Serviram de madrinhas as sr.^ªs D. Laura Palmeira Gonçalves e D. Angelina Teixeira Passos e de padrinhos os srs. João Enes Gonçalves Junior e dr. Abel José Fernandes.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.^ª D. Maria José Soto Maior Pinto Basto, gentil filha da sr.^ª D. Maria de Pilar Sotto Maior Pinto Basto e do nosso querido amigo sr. Fernando Luiz Pinto Basto, com o sr. Jorge Cast Seixas, filho da sr.^ª D. Herty Cast Seixas e do sr. Ernesto Seixas, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente mês.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.^ª D. Julieta Fernanda Amaral Parente, interessante filha da sr.^ª D. Elvira da Conceição Camiller Amaral Parente, e do sr. José Martins Parente, já falecido, com o sr. dr. António Vahia de Castro, filho da sr.^ª D. Maria da Conceição Mendes Vahia de Sousa Carneiro de Barros Castro e do sr. dr. Alberto de Barros Castro, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e as sr.^ªs D. Iria Matilde Parente Pereira Forjaz de Lacerda, D. Isabel Maria de Oliveira de Seves Alves Martins e D. Maria da Glória de Sousa Carneiro Vahia, e do padrinhos os srs. José António Caldas Barreiras, Alvaro de Avelar Ferreira, capitão Rui



A sr.^ª D. Maria Nídia de Sousa Garrido, e o sr. Joaquim Miguel de Serra e Moura, por ocasião do seu casamento, celebrado na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta. (Foto Alvaro Campeão)

Pessoa de Amorim, e dr. Acácio Augusto Cardoso de Gouveia.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos, um grande número de valiosas prendas.

— Celebrou-se na paróquia de S. Mamede, o casamento da sr.^ª D. Odete da Conceição Teixeira Rodrigues, gentil filha da sr.^ª D. Eliza Teixeira Rodrigues, e do sr. António Pereira Rodrigues, com o distinto alferes do Batalhão de Caçadores n.º 1, sr. José Sacadura Cabral Moreira da Câmara, filho da sr.^ª D. Maria Sacadura Cabral Moreira da Câmara e do sr. José Bento Moreira da Câmara, tendo servido de madrinhas as sr.^ªs D. Maria Teixeira Rodrigues, tia da noiva, e D. Matilde de Sacadura Cabral, tia do noivo e de padrinhos os srs. Artur Pereira Rodrigues, tia da noiva e Francisco de Sacadura Cabral, tio do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para Portalegre, onde o noivo se encontra colocado.

— Com a maior intimidade, celebrou-se na igreja matriz de Arroios, perto de Gouveia, o casamento da sr.^ª D. Maria da Glória Coutinho de Vasconcelos e Sá Coelho, gentil filha do sr. dr. João de Vasconcelos, ouvidor da Junta do Crédito Público, com o sr. António Mendes Belo Rodrigues, secretário da Câmara Municipal de Gouveia, servindo de padrinhos por parte da noiva, o sr. dr. Andrade de Figueiredo e esposa, e por parte do noivo os srs. dr. António Almeida e Serra e distinto engenheiro, sr. Joaquim Mendes Rodrigues, irmão da noiva.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos, um grande número de valiosas e artísticas prendas.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, na Casa de Saude de Benfica, a sr.^ª D. Maria Henriqueta Fragoso Branco Nuncio, esposa do sr. João Branco Nuncio, brilhante cavaleiro taumático, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Silva Araujo (pai). Mãe e filho estão felizmente bem de saúde.

D. NUNO.



O grupo de handball do Sporting Club de Portugal, vencedor do Campeonato de Lisboa

DURANTE oito noites consecutivas, sem arrefecimento de entusiasmo nem pronúncios de tédio, alguns milhares de pessoas afluíram ao ginásio do Liceu Camões para presenciar as provas do 3.º Concurso de Ginástica Educativa. Ocasionalmente houve em que o vastíssimo recinto foi insuficiente para albergar todos os espectadores, tamanho interesse suscitou a apresentação das algumas classes, e sempre, afora esses dias de especial expectativa, a sala recebeu público bastante para que se não vissem cadeiras desocupadas.

Antes de traçar quaisquer comentários ao brilhantíssimo comportamento das classes concorrentes, convém pôr em foco esta evidente manifestação de entusiasmo pela ginástica, de apreço pela beleza e harmonia dos movimentos disciplinados, através da qual melhor nos é permitido avaliar o enorme progresso da divulgação da educação física em Portugal e os resultados eficientes da propaganda intensiva efectuada durante estes últimos anos em escritos, palavras e actos.

O espírito nacional de ressurgimento manifesta-se também neste campo e acom-

panha a evolução patriótica de toda a actividade portuguesa; não são já exclusivamente as competições desportivas que possuem o dom de atrair o público, o qual também afluí fielmente aos espectáculos de características educativas, como o Concurso organizado pelo Ginásio Club Português, des preocupado de emoções vibrantes mas desejoso de contemplar e aplaudir com prodigalidade o encanto dos exercícios de conjunto, onde a força e a audácia se aliam à graça e ao dinamismo.

O facto de se tratar de provas de competição, elevadas à categoria de campeonatos nacionais, criou um ambiente especial que talvez não convenha manter para futuro, agora que as condições do meio evoluíram, mercê das circunstâncias passadas, no sentido necessário para assegurar o êxito de quaisquer organizações similares.

É incontestável que a propaganda da educação física foi magnificamente servida pela realização dos três concursos de 1936, 1937 e 1938, os quais mostraram também os progressos de técnica e de expansão do ensino da ginástica

A QUINZENA DESPORTIVA

educativa dentro dos mais diversos estabelecimentos civis e militares. Não olvidemos, porém, que se trata duma actividade educativa, e portanto da qual deve ser alheado, por todos os princípios pedagógicos, o espírito de competição apaixonada; e ninguém poderá negar que a paixão do campeonato absorveu por completo os restantes objectivos do concurso, manifestando-se não só no comportamento da assistência — o que é de algumas importâncias visto nunca haver saído dos limites da mais rigorosa correcção — mas ainda na mentalidade dos elementos activos, o que deve ser evitado a todo o custo.

As manifestações da ginástica devem ser estruturalmente agentes de camaradagem e aproximação, nunca fomentadoras de rivalidades improficuas.

A situação muito especial e melindrosa em que vivem os problemas da educação física em Portugal exige a máxima prudência e requer íntima união de esforços sem que possa esboçar-se qualquer luta de escolas ou suspeita de desequilíbrio de predominio de determinado critério.

Assim, perante a necessidade de abolir mal entendidos e a conveniência reconhecida de manter uma grande organização anual de ginástica com atractivo para o público é indispensável encontrar uma fórmula meramente objectiva que satisfaça a segunda sem cair nos perigos da primeira. Não deve ser difícil.

Vinte e sete classes, correspondendo a treze instituições diversas, reunindo 570 executantes e dirigidas por 14 professores, desfilarão sucessivamente perante o júri composto pelas mais reconhecidas competências em matéria de educação física, prestando provas que sempre ultrapassaram a mediana e atingiram algumas delas o brilhantismo excepcional.

As classes de crianças do Instituto de Odivelas e da Escola da Companhia do Gás, as duas secções militares, as classes de homens do Lisboa Ginásio Club e de senhoras do Sporting Club de Portugal merecem citação de realce que poderia, sem intervenção de favor, estender-se a várias outras que quasi as egularam em valor: as restantes classes clubistas de senhoras, crianças e homens, as de rapazes das Escolas Patrício Prazeres e Marquez de Pombal a de raparigas do Instituto de Odivelas e Lisboa Ginásio.

Escrevemos esta crónica antes de di-

ulgada a classificação oficial dos concorrentes, pelo que pode succeder divergência de apreciação entre o voto dos juizes e o nosso critério pessoal de avaliação; mas este condiz tão exactamente com o julgamento generalizado do meio que pode afirmar-se será mal compreendida qualquer sensível alteração, embora venha fundamentada nos mais categóricos argumentos técnicos.

Não pertence, aliás, à nossa missão intervir com crítica num assunto que os princípios de boa disciplina desportiva estabelecem intangível; e seria contradizer os comentários iniciais desta crónica faltando aos ditames de respeito e solidariedade indispensáveis à união que faz a força.

No caso da generalidade, lastimaremos o desinteresse pelo Concurso de grande número de clubes desportivos que mantêm secções de ginástica educativa, para exaltar a atitude daqueles que procederam em contrário e cobraram assim considerável prestígio.

Ao Ginásio Club Português e Lisboa Ginásio Club, grandes baluartes especializados da ginástica lisboense, ao Sporting Club de Portugal que demonstra extraordinário incremento da sua secção educativa, podendo sem favor equiparar-se aos maiores, juntou-se este ano o Ateneu Comercial de Lisboa, orgulhoso de manter tradições que lhe trazem responsabilidades; a bela exibição da sua classe infantil demonstrou o acertado da presença no concurso e foi, para a colectividade, uma útil prova patente da boa orientação da sua actividade.

O receio de serem vencidas, que afasta d'este torneio algumas agremiações é consequência de errada interpretação dos acontecimentos; a opinião pública interessa-se sobretudo pela presença, aplaude, acarinha, simpatiza sempre com todos os que aparecem a provar trabalho e desassombro, mas esquecem em contrapartida os ausentes. Não há pior mal do que o esquecimento.

Por haverem terminado as respectivas competições ficaram apurados durante a quinzena mais dois campeões: o Sport Lisboa e Benfica, pela terceira vez vencedor do Torneio da Liga e o Sporting Club de Portugal que ganhou novamente o campeonato de Lisboa de handball.

O triunfo alcançado pelo Benfica na mais difícil prova do nosso calendário



As pequenas ginastas do Sporting apresentaram-se no Concurso com encantadora graça e graça

do football, arrancado a custo ao Football Club do Pôrto, que terminou em igualdade de pontos, não pode apesar disso sofrer contestação. Foi o êxito do grupo mais regular, qualidade que acima de todas importa numa prova de longa estrada como este Torneio da Liga. Conseguindo bater no seu campo os dois mais perigosos adversários, o Benfica, trouxe depois da visita que lhes fez, dois empates significativos e que, só por si, bastam para justificar a classificação conquistada.

Para completar a época, segue agora, em plena actividade, o campeonato máximo da modalidade cujo final está marcado para o último domingo do mês corrente; até lá, por quantas emoções, quanta desilusão e quanto entusiasmo vai passar, semana a semana, o público desportivo do país!

A vitória do Sporting no campeonato regional de handball, trazendo-lhe um bem que pela primeira vez perdera em campo na época passada, revestiu-se de particular brilhantismo pela forte resistência que lhe foi oposta pelo maior rival, o Grupo Desportivo "Os Treze", e que obrigou à marcação dum jogo suplementar de desempate.

O motivo principal da impressão de agrado causado pelas derradeiras com-

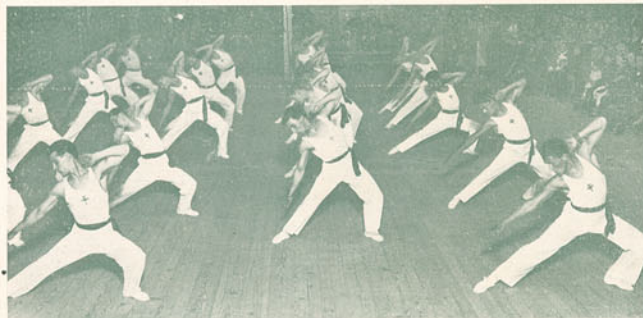
petições desta prova, provém do perfeito desportismo em que decorreram, em contraste frizante com as tristes recordações deixadas pelos incidentes de toda a espécie que entenebreceram o aspecto moral do campeonato da época precedente.

A direcção da Associação de Lisboa viu desta forma compensados os persistentes esforços de disciplina empregados durante a sua gerência e os quais parece haverem conduzido ao desenvolvimento duma nova mentalidade desportiva nos jogadores e dirigentes clubistas.

A regularidade em que decorreu a prova permitiu dar-lhe rápida conclusão; nunca, no passado, um campeonato acabara tão cedo. Para não deixar morrer prematuramente a temporada oficial, a Associação decidiu, muito bem, repetir a organização da Taça de Honra que em 1935 fôra uma das provas mais interessantes do programa de actividade do handball lisboeta.

Esperemos que os clubes praticantes correspondam à iniciativa inscrevendo as suas melhores equipas, para que os próximos jogos consigam manter no espírito do público a excelente impressão produzida pelos encontros decisivos do campeonato.

SALAZAR CARREIRA.

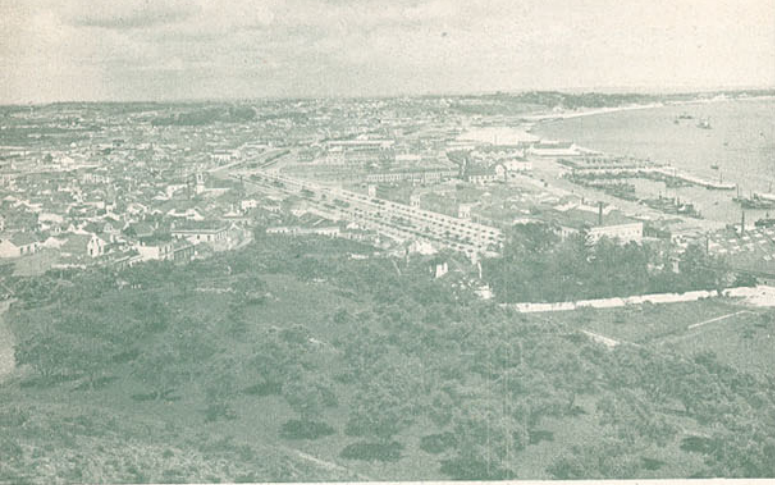


III Concurso de Ginástica. Uma linda atitude da classe homens do Lisboa Ginásio Club apresentada brilhantemente pelo professor tenente Marques Pereira



A classe infantil da Companhia do Gás, uma das que mais agradaram no Concurso de Ginástica

NO DISTRITO DE SETÚBAL



Vista parcial de Setúbal

TODA essa extensa e a tantos títulos privilegiada região que o distrito de Setúbal abrange constitui um valor deveras apreciável no nosso xadrez turístico, desfrutando ainda da sensível vantagem de estar perto da capital, servida por rápidos e seguros transportes que percorrem uma vasta rede de belas estradas.

Se tomarmos no Cais do Sodrê, um dos barcos ou ferry boats que atravessam o Tejo, aqueles para condução de passageiros, podendo estes também transportar quaisquer viaturas, ao chegarmos a Cacilhas encontramos esplêndidos auto-carros que nos levam a Setúbal, o centro nevrálgico desta zona turística e simultaneamente a capital do distrito.

Neste percurso e a dez quilómetros da margem esquerda daquele rio, atingimos a importante vila de Azeitão que, com as suas belezas naturais e excepcionais condições climatéricas, se tornou uma das mais deliciosas e aprazíveis paragens que a Natureza nos proporciona, de uma exuberante fertilidade do seu terreno e apresentando ainda visíveis vestígios da grande suntuosidade que outrora a caracterizou. Prosseguindo-se em direcção a Palmela, passa-se pela Quinta do Anjo, ridente povoação com numerosas e importantes propriedades agrícolas, vendo-se à beira da estrada várias casinhas, genuinamente portuguesas, caiadas de branco, e muitas delas com os seus canteiros de garridas flores.

Palmela

ESTAMOS em um dos locais de onde se desfruta um dos mais grandiosos panoramas da nossa terra. O seu tradicional Castelo, classificado oficialmente Monumento Nacional, ergue-se no cume de um monte alongado de nascente para poente, de fácil acesso apenas pelo lado norte, dado que os demais são fortemente escarpados, estando bem averiguado que a sua construção abrangeu três fases distintas, todas tendendo à sua ampliação e a reforçarem as condições de resistência.

No recinto entre as duas muralhas do norte prendem a nossa atenção as ruínas do refeitório e do claustro do convento em que se vêem ainda preciosos azulejos, os restos da Igreja de Santa Maria, atestando a sua prolecta idade. A Igreja de S. Tiago, que é um vasto templo de três naves, em que sobressai a cachorrada do côro, a ornamentação do primeiro vão da nave esquerda e os embutidos do altar-mór. Na sua parede norte, encontra-se o túmulo de D. Jorge de Lencastre, último mestre da Ordem de S. Tiago, cuja séde para aqui foi transferida em 1423.

A todos os títulos, portanto, recomendável uma visita ao Castelo de Palmela, interessante repositório de tão valiosas tradições históricas e ainda um incomparável e inesquecível panorama.

Por muitas vicissitudes tem passado a vida administrativa desta vila, que chegou a perder a sua autonomia em 1855, que só lhe foi restituída definitivamente pela actual situação política que em 1926 restaurou o res-

A porta principal do Castelo de Palmela



pectivo concelho. De então para cá os seus progressos têm-se acentuado em acelerado ritmo, comprovando assim as excepcionais qualidades de trabalho e encendrado regionalismo da sua população que ainda recentemente deu largas ao seu entusiasmo, festejando a inauguração da luz eléctrica, obra esta que o actual município conseguiu ultimar e a que outras, já em curso ou em projecto, se seguirão, no interesse do concelho que bem as merece.

Setúbal

TERCEIRA cidade portuguesa, com sessenta mil habitantes, terceiro porto do País no movimento da navegação, é um dos mais importantes centros piscatórios da nossa costa e um dos principais baluartes da indústria das conservas de peixe, representando assim um valor com decisiva influência na nossa vida económica. Dispõe de boas avenidas, vastas praças, largos arruamentos e vários bons edifícios, estando prestes a ultimar-se a construção do da Câmara Municipal, que ficará em situação desafogada, tendo à sua frente o monumento ao poeta Bocage, e um dos melhores dos seus congêneres de todo o País.

Sob o aspecto turístico são de apreciar alguns dos seus templos, monumentos e várias curiosidades. A Igreja do Convento de Jesus, construída no século xv, por mestre Botáca, o autor dos Jerónimos, de Lisboa, em que se admiram quinze magníficos quadros atribuídos a Grão Vasco, achando-se instalado no seu vasto côro o Museu da Misericórdia, com ricos paramentos e valiosas peças de ourivesaria sacra. Devem também ser visitadas a Igreja de Santa Maria da Graça, de três naves, doze colu-



Um aspecto da Serra da Arrábida

nas dóricas, belos azulejos e o retábulo da Capela Mór em talha dourada, a de S. Julião, fundada por pescadores e reconstruída por D. Manoel, a da Anunciada que pertenceu aos frades carmelitas e recentemente restaurada, a de S. Sebastião que foi também dos carmelitas e a Capela do Bomfim, de grande devoção das gentes do mar.

Saindo da cidade deve tomar-se a magnífica estrada que conduz à velha Torre de S. Tiago de Outão. Este passeio é de imponente beleza pelos maravilhosos efeitos produzidos pela reflexão da luz viva do Sol, nas ondas do oceano e nas escarpadas colinas da Serra da Arrábida, espectáculo magestoso que os nossos olhos se não cansam de admirar.

Corre esta Serra de nordeste para sudoeste, numa extensão de cinco léguas, sendo de incomparável beleza e inextinguível grandiosidade, com as suas matas de secular e espesso arvoredado, sem rival na infinita variedade das suas espécies, algumas das quais só nas Índias se encontram, a frescura da sombra dos velhos carvalhos e o denso estófo de verdura que a cobre de lés a lés. Dominando o norte de Azeitão, desde ali se distingue o Tejo, se divisa quase inteiramente Sintra, toda a orla do Alentejo e parte da do Algarve. O convento que foi dos arrábidos, a meia encosta, hoje em ruínas, transformou-se num miradouro de onde se desfruta um cenário verdadeiramente deslumbrante.

Descendo-se ainda encontra-se à borda do mar a Lapa de Santa Margarida, cavada na rocha, com as suas colunas formadas por caprichos as estalactites e estalagmites, ao fundo o altar da sua padroeira, iluminado por uma lâmpada que a inabalável fé dos pescadores nunca deixou apagar. Do lado nascente topa-se com o Portinho da Arrábida, como que encantadora concha de puro cristal onde se reflectem em estonteadoras cambiantes os raios ardentes do Sol, fechando-se assim com chave de ouro a série imensa das maravilhas magnanimamente espalhadas por aquela Serra.

PRINCIPES E BRINQUEDOS

QUEM é que não aprecia um lindo brinquedo, que lhe lembra as emoções inigualáveis dos primeiros anos da sua vida. Esse delírio que nos causam certos brinquedos, nada mais tarde o iguala.

O brinquedo faz parte integrante da vida da criança, e sem brinquedos a infância é triste e sombria, mas se até os pobrezinhos mais pobres os têm, porque a criança engenhosa, como o homem primitivo, de tudo faz brinquedos. Carros de linha esviados, botões despresados, bolas feitas de trapos tudo serve para a entreter e a criança pobre ama esses brinquedos com profunda ternura como a criança rica ama o brinquedo lindo da moda que lhe vem do mais elegante armazém de brinquedos.

E ninguém melhor do que Vitor Hugo nos dá a impressão do amor que a criança infeliz e destituída de tudo tem pelo brinquedo que lhe cria, nessas belas e comovedoras páginas em que nos descreve a triste vida da pequena Casette em casa dos estalajadeiros Thenardier, nesse admirável livro «Os Miseráveis», em que as infelicidades humanas estão descritas com a mais perfeita sensibilidade, quando nos conta como a pequena tão desgraçada e maltratada, conseguiu envolvendo-a em trapos, fazer duma espadinha de chumbo, uma boneca que embalava ternamente, com esse natural instinto da maternidade tão natural e tão simpático em tôdas as meninas, que logo que abrem à vida os olhos, têm a necessidade de embalar nos seus braços, a boneca, a filha da sua imaginação, que é a primeira filha, de quem mais tarde as verdadeiras filhas serão a continuação.

Porque tôda a pequenita tem uma boneca, como todo o rapazinho tem uma espada, um tambor, um qualquer brinquedo de marcial aspecto, porque também no homem, nasce com ele o sentimento belicoso, como a mulher vem ao mundo com a maternidade na alma. E' a natureza definindo a diversidade dos destinos para que o homem e a mulher foram criados; embora a fantasia humana queira, no seu orgulho incommensurável modificar as coisas, ainda que não atinja nunca a felicidade sonhada, porque a felici-

dade não está nunca na fantasia, mas sim na tranquilidade de consciência do dever cumprido, dentro das regras normais do que a providência destinou.

E' muito interessante ver a modificação do brinquedo através dos séculos, desde o manípulo de madeira, mal esculpido e feio, à boneca de cera, vestida como uma senhora com essa inexpressiva carinha, que sucedeu às bonecas de trapos, que tinham os olhos e a boca bordados a retroz e que fizeram as delícias das crianças durante séculos.

Mas à boneca de cera êsse grande invento que encantou todos, sucedeu a boneca de «biscuit» de rosto redondo, olhos pasmados, de vidro e dentes seguros com gesso. Como as crianças de então as futuras mães se sentiam ufanas com essas filhas de sorriso perene, que tanto se assemelhavam já à figura humana.

Essas bonecas vestidas de setins, com os seus chapelinhos emplumados, os seus sapatinhos de verniz fizeram as delícias de várias gerações, que as amaram como se elas fôsem de carne e osso e filhas queridas, a-pesar-da dureza de expressão dos seus olhos de vidro, que nas bonecas de alto preço, condescendiam em fechar-se, quando as deitavam, o que as tornava adoráveis aos olhos das pequenitas de então, por lhes parecer que eram mais humanas.

Mas o aperfeiçoamento da boneca não ficou por aqui. Há uns vinte anos começaram a aparecer em França bonecas de grandes caracóis de sedosos cabelos e cuja carinha de «biscuit» não apresentava já a inexpressão que até ali a boneca tinha.

Em carinhas bem modeladas aparecia a expressão amuada dum bebê a quem não fizeram a vontade ou o sorriso cercado de covinhas do bebê feliz e contente, e, as bonecas com as suas novas expressões começaram a ser interessantes até para os grandes.

As bonecas «Lenci» de aspecto ladino, que nasceram em Turim, do coração duma mãe dolorosa, que artista inata começou a reproduzir no feltro as feições adoradas duma filhinha que tinha perdido e donde vieram essas numerosas e engraçadíssimas bonecas, que hoje atraem tôdas as atenções, pela originalidade dos seus trajos, a graça das suas expressões, a variedade dos seus tipos, em que predomina a expressão atrevida da pequenita traquina, viessem alvoraçar e mais modificar ainda a boneca tornando-a mais graciosa e mais humana porque foram nascidas e criadas pela dor, êsse sentimento que tudo torna sublime.

Mas isto ainda não era bastante e a indústria inglesa teve uma nova ideia que fez as delícias de todos os que visitaram a Feira da Indústria Britânica e que ficaram encantados com as bonecas reais.

Na família real inglesa há crianças, deliciosos bebês, adoravelmente lindas e interessantes, crianças que não são só o ídolo dos seus pais, mas também dum povo que ama os seus príncipes e que os estima.

O rei Jorge VI e a rainha Isabel, têm duas encantadoras filhinhas as princesas Isabel, que, bonita, inteligente e graciosa duma rara vivacidade desde os seus primeiros anos a todos encantou, com as suas graças infantis, que revelaram sempre uma graciosa personalidade, e, a princesa



Margarida Rosa, doce criança, duma ideal beleza a quem os seus nomes de flor vão a matar; as duas encantadoras princesinhas são queridas.

O príncipe Jorge, duque de Kent casado com a princesa Marina da Grécia, uma das mais elegantes e bonitas senhoras da Europa dos nossos tempos têm também dois filhinhos, os príncipes Eduardo e Alexandra. Eduardo um azougado rapazinho de quase três anos e Alexandra um delicioso bebê de ano e meio.

As indústrias de brinquedos tiveram uma ideia: modelar bonecos vivos, retratos das crianças reais e lançar no mercado, com a autorização da família real, as bonecas reais.

Esta ideia interessantíssima faz criar nas crianças inglesas um amor muito especial às crianças reais e mais tarde devem criar-lhe partidários, convictos. A criança de hoje será a mulher de amanhã e aquela que embalou ternamente nos seus braços uma princesa Isabel em feltro, ou dormir apertando contra si na caminha, que recebe os seus sonos inocentes, uma Margarida Rosa, não poderá nunca ser inimiga das princesas que amou, como não renegará o boneco adorável que é o príncipe Eduardo.

E' uma bela maneira esta de angariar partidários que se tornam dedicados para sempre.

O que é interessante registrar é a multidão que se apinhava em frente do «stand» onde triunfais se ostentavam as princesinhas e seu primo, miniaturas deliciosas das crianças que são a alegria da família real inglesa.

A princesa Isabel com o seu casaco de abafo em pano azul, dêsse azul que na Inglaterra se chama Isabel, com a sua «cloche» de feltro coroadada de flores na cabeça dando a mão à sua irmãzinha num vestido de seda côr de rosa vêem brincar o seu delicioso priminho o príncipe Eduardo, que arrancou uma exclamação de prazer ao duque de Kent no verificar a extraordinária parecença da criança com a boneca.

Só a pequenina Alexandra que nós vimos aqui rodeada dos seus brinquedos favoritos, numa graciosa atitude de espanto, bela criança sadia e perfeita, não foi apresentada à admiração do povo, por ser muito pequenina quando se fizeram as bonecas; igual a tôdas as bonequinhas bebês, que vemos nas montas em deliciosas expressões.

MARIA DE EÇA.





conviver com essa pessoa, porque nada mais difícil do que viver em contacto com uma alma fechada e opaca, que nunca manifesta o que sente, ou com uma vontade que se manifesta através da defesa dum parede de aço.

Mas nunca confundir franqueza com egoísmo esse atroz sentimento que leva a não ter a mais leve atenção com a susceptibilidade do próximo e a ferir muitas vezes sentimentos delicados, que florescem na alma como as flores azues do sonho.

Nunca se deveria chamar a uma brutaldade franqueza, nem assim a considerar e é preciso que quando as mães notam em seus filhos ou filhas, essa triste tendência tralem não de a mascarar com o rótulo de franqueza, que o seu desmedido amor maternal lhes faz ver, mas de corrigir com inteligência e bom senso esse defeito, porque o é.

A franqueza dum alma aberta à vida e a todos os bons sentimentos, não se traduz por

PÁGINAS FEMININAS

aos primeiros dias de Julho, fechando com o célebre «Garden-party» real. As corridas de Autel e Longchamps apresentam-nos as mais lindas modas parisienses: como Ascatt e Wimbledon nos mostram as elegantíssimas «toilettes» londrinas.

Essa época do ano é aquela em que mais elegância se vê nas grandes cidades da moda, que nos deslumbram com a sua requintada vida de elegância e «chic» e são o sonho de muitas senhoras, que vivem em cidades mais pacatas, mas onde a vida mais tranquila poupa mais os nervos e as mantém num mais sadio equilíbrio.

Apresentamos hoje os mais elegantes modelos da estação.

Primeiro que tudo não queremos esquecer as noivas que desejam um lindo modelo para o dia do seu casamento, esse dia em que a mulher mais cuidadosamente se toca no louvável empenho de parecer bem.

E um lindo modelo em «crêpe satin» o que apresentamos, o corpo franzindo em volta do pescoço é rematado por aplicações em veludo cristal formando folhas largas. A mesma ornamentação na parte da saia, de corte princesa, quando não o corpo, e, multiplicada na cauda longuíssima, que torna rica e pesada. Mangas longas e juntas modelando os braços. Diadema formado por tranças de veludo branco assente sobre um simples penteado em «bandós» lisos que formam grossas tranças sobre a nuca.

O véu sai do diadema acompanhando a cauda. Na mão, grande ramo de lírios brancos apertado por um laço branco.

É uma linda e simples «toilette».

Para saídas simples ou de manhã uma linda «toilette» em «crêpe marrocin» azul escuro, o «empêchement» em fundo azul com borboletas brancas, o cinto é apertado com duas borboletas em madrepérola, casquinha e carteira na seda das borboletas. Chapéu «canatier» em pãlia azul escura.

Para a noite um lindo vestido, sobre um fundo branco cor de marfim, flores tropicais de vivas cores, fundo lino desenhado e colorido; simples o mais possível, cinto do mesmo tecido com duas longas pontas e ao peito grande ramo de azúleas brancas e cor de rosa de vários tons, dum alegria este vestido, que iguala a singleira.

Continua a moda a apresentar-nos as saias em setim preto e as jaquetas em cores. Como «toilette» de jantar temos uma linda blusa em seda «imprimée» fundo preto e flores de vários tons no corpo e nas mangas tiras franzidas embutidas fazem a única e elegantíssima guarnição. «Toilette chic» e de gosto.



grosserias muitas vezes impensadas, mas que denotam um falta absoluta de sensibilidade e até uma grande secura de coração.

Depomos ser francos e leais, mas não rudes e brutais e abaixo do aspecto de uma qualidade, não manifestar defeitos mais graves, e, que atingem muitas vezes no seu amor próprio e até na sua dignidade aqueles com quem convivemos.

Dizer: «sou muito franco» e de baixo desse aspecto apresentar para ferir, magoando, é uma coisa até pouco leal.

Desse mau costume vêm muitos mal entendidos não só entre amigos mas até desinteligências familiares, tanto mais para lamentar, que com a dissolução da sociedade, que se está precipitando, a família tem de ser um bloco, cuja sólida união, forme uma das mais belas colunas da sociedade actual.

Portanto hoja franqueza mas que não exclua a delicadeza que é absolutamente necessária à vida social e familiar, que sem ela se torna insuportável, porque é demasiadamente primitiva.

MARIA DE EÇA.

A moda

Nesses primeiros meses da estação, a moda conserva o seu aspecto citadino, pois em geral eles são ainda passados nas cidades onde a estação elegante é em geral, essa. Em Paris a «saison» de elegâncias e verdadeiro «chic», começa depois do Carnaval e acaba em meados de Julho, depois da abertura dos grandes «restaurants» do «Bois» que dão ocasião a uma verdadeira parada de elegâncias.

Em Londres a «saison» começa em Abril até



des. Era uma paçã, mas tinha a verdadeira centelha do talento, inegável e profundo.

Um dos seus últimos livros de versos «L'heure de souffrir» apresenta-nos a sua última fase na vida. Uma mulher enlutada, atormentada pela morte daqueles que amou, e, em que se sente também o medo à morte que a espreita, e, que de aí a pouco a vitimou.

É um canto desesperado este último livro, um grito doloroso, que em nada se parece com o lirismo exaltado que caracteriza os seus primeiros livros.

Ela diz-nos e rediz-nos a sua dor a sua saudade dos que morreram e lhe eram queridos, e, em vez de elevar a sua alma como o faria se tivesse crenças, debruça-se no abismo onde se desfazem os pobres corpos humanos.

Esse livro em que se sente o horror de envelhecer, e a condessa Mathieu de Noailles não era ainda velha, quando morreu, é uma das confissões mais sinceras dum atribulada alma de



Ser «chic»

É esta a maior aspiração de quasi todas as mulheres. E nós perguntamos o que significa na nossa lingua essa palavra? Nascida nos «boulevards» é bem parisiense e não há no mundo vocabulário que a substitua.

Pode vestir ricamente uma senhora e não ter «chic». Um homem pode ser elegante e não ter «chic». Há jóias riquíssimas que não têm «chic». Chapéus caríssimos, que não possuem esse inexprimível dom, que é feito de qualquer coisa tão subtil, que é difícil de definir.

O «chic» que muitas parisienses possuem em elevado grau é uma elegância de dentro para fora, que torna notável a mais simples «toilette». As modas variam de estação para estação, mas a mulher que tem «chic» imprime a todas elas uma originalidade, que as torna sedutoras e que faz com que o mesmo vestido seja diferente usado por outra senhora.

Não há tradução para a palavra e não há definição para o que ela verdadeiramente é, embora se conheça bem as pessoas ou coisas que têm «chic».

O sentir dum mulher

POUCAS poetisas têm atingido as culminâncias da inspiração como a condessa Mathieu de Noailles, princesa de Francouan por nascimento. Grega por sua mãe, romana por seu pai, francesa pelo casamento e pela educação esta mulher tinha em si tantas almas como nacionalidades.

Nos seus versos que a tornaram a primeira poetisa do seu tempo encontramos a paixão, o lucralismo, o patriotismo e subreptivo vida, numa vida palpante, sedenta de tudo, amorosa e idealista sempre ávida de viver, mas sentindo e compreendendo a vida em todas as suas modalidades.



mulher onde perpassa a dor do nada. Como é para lamentar que uma alma tão bem dotada de baixo de todos os aspectos, não tenha sabido elevar-se acima da materialidade da vida e saber tornar a sua dor num hino à vida que passou e numa esperança à que hade vir.

O seu admirável talento, esse dom quasi sobrenatural de criar beleza, não lhe deu essa coragem tão bela de encarar serenamente o fim da vida que não pode ser igual ao princípio e a sua maneira de sentir tornou-lhe dolorosos os seus últimos dias.

Higiene e beleza

A mulher portuguesa, como todas as mulheres, tem hoje em dia o desejo de prolongar a sua juventude, de conservar a elegância de linhas, e trata como nunca o fez, a sua beleza.

Mas labora ainda num grave erro, que é pensar que para adquirir beleza, basta apenas fazer «maquillage» e aplicar crèmes e pomadas. Não é bem assim e a verdadeira beleza adquire-se fazendo cultura física. Não há maiores inimigos da beleza do que deitar e levantar tarde e é bem um arraigado costume português, o das noites e o de levantar próximo do meio dia.

Nocivo hábito: para conservar a juventude deve a mulher levantar-se cedo e abrindo a janela fazer uns exercícios de respiração e em seguida uns movimentos de gimnástica, que a princípio se devem prolongar até vinte minutos. Todos os dias andar a pé ao ar livre num passo

cadenciado e certo. Na alimentação deve haver cuidado de não abusar da carne e fazer um maior consumo de hortaliças e fruta, não carregando muito o estomago e assim se conservam, beleza e juventude.

Receitas de cozinha

Sopa de legumes: — Cozem-se algumas batatas, cenouras e couve flor, em água e sal que baste, para o caldo da sopa. Depois de tudo bem cozido em lume fraco, para não se pegar, passa-se pela peneira.

Na ocasião da sopa ir para a mesa, junta-se uma chavena grande de leite, com uma colher de farinha de maizena diluída, e outra colher das de sopa de bôa manteiga. Deixa-se levantar fervura, e engrossa e serve-se.

Rizoto: Em 50 gramas de manteiga faz-se coar três chavenas de arroz carolino escolhido mas não lavado, mexe-se sobre o fogo moderado, e até ao momento em que o arroz mostre uma parte leitosa; aumentam-se 6 decilitros de água ou caldo e, logo que começa a ferver, cobre-se e coze no forno durante vinte minutos.

Este tempo é suficiente para que o arroz fique cozido e conserve os grãos inteiros. Depois desagrega-se o arroz com os dentes dum garfo e misturam-se-lhe 40 gramas de manteiga e 40 gramas de queijo parmesão ralado. A este rizoto a natural pode juntar-se um molho de tomate: presunto magro ou cogumelos e alcachofras picadas medicamente.

De mulher para mulher

Kate: É um esplendido hábito esse de trabalhar antes do almoço e não deve perder, durante a digestão o organismo não tem as mesmas faculdades mentais. Deve encontrar o que deseja na Biblioteca Nacional. Não se preocupe com isso é preciso que se acabe com a mulher em série. Se as suas tranças são lindas não se preocupe de não ter ondulação. Elas são já um belo ornamento.

Marieta: Faça a pequenina um vestido em flanela branca, são sempre bonitos e uteis nas tardes frescas, mesmo no verão. Faça-lhe bibes, um bonito bibe bem lavado e engomado é sempre gracioso numa criança que tomam um aspecto fresco e limpo.

Maria: A beleza não se mede aos palmos e há mulheres bonitas altas e mulheres bonitas baixas, assim como as há feias de todas as alturas. Se é proporcionada como diz, pode ser bonita e elegante sem ser alta. Ao vestir escolha o que a favoreça alongando-a.

Rosa branca: Ha muito que não dava notícias. Ainda bem que orientou tão bem a sua vida, é ideal encontrar o verdadeiro caminho. Mas não descure a saúde e fortifique-se para poder levar a cabo tão bela empreza.

FILM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — — —
 Copas — — — — —
 Ouros — V. 4, 2
 Paus — A. 10, 7

Espadas — — — — — **N** Espadas — — — — —
 Copas — R. V. **O E** Copas — 10, 6
 Ouros — 7, 6 **S** Ouros — D. 3
 Paus — D. 8 **S** Paus — R. V.

Espadas — D. 2
 Copas — A. 7
 Ouros — 9
 Paus — 9

Trunfo espadas. **S** joga e faz cinco vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A. e., **N** — D. c.
S joga 2 c., **N** — A. c.
N joga 2 p., **S** — 2 o., **O** — D. p.
 (a) **O** joga R. p., **S** — 2 e.

S joga 3 e. e como **O** se não pode baldar a A. p. nem **E** a R. c.
N faz as 3 cartas de ouros.

(a) Se **O** joga em lugar de paus, 8 o., **S** — A. o.
S joga 2 e 3 de espadas, **O** e **E** não podem defender os seus naipes, fazendo **N** e **S** tôdas as vasas.

Uma porta que nunca se fecha

Muitos teem visitado Paris, mas poucos sabem que na capital francesa existe uma porta que nunca se fecha, em respeito a uma tradição.

Uma das portas do Palácio de Justiça nunca foi fechada, nem mesmo à noite, devido a um decreto de Luís XIII, datado de 4 de Março de 1618, que determina dever ficar sempre aberta aquela porta «a-fim-de que os meus subditos possam reclamar justiça, em tôdas as horas do dia e da noite».

Morreu, há pouco, na Irlanda, em Belfast, com 73 anos, um músico que foi muito apreciado em Londres, no tempo da rainha Vitória e ainda nos anos que precederam à guerra.

Chamava-se Francis Gomez e foi um excelente executante. O seu chefe de orquestra formava, a seu respeito, tão boa opinião, que insistiu, um dia, em fazê-lo ir de Londres a Edimburgo — 800 quilómetros — por ocasião dum concerto.

Nesse concerto pertencia-lhe tocar apenas quatro notas de clarinete na *Sinfonia patética*.

A cinza dos meteoros

A cinza dos pequenos meteoros queimados, ao chegar à nossa atmosfera, deposita-se, aumentando mil toneladas ao pêso da terra, em cada três anos.

A peça de pano

(Problema)

Um caixeiro, ao cortar uma peça de pano, reparou que levava justamente um segundo a cortar um metro. Quanto tempo levaria êle, neste ritmo, a cortar uma peça com 50 metros? Respondam depressa e sem hesitações.

De quem são as pernas?

(Solução)

- 1 — Cavalo
- 2 — Pato
- 3 — Rã
- 4 — Porco
- 5 — Crocodilo
- 6 — Vaca
- 7 — Coelho
- 8 — Macaco
- 9 — Kangurú

Adivinhação gráfica



Que palavra se encontra três vezes neste desenho.

Confraria da Paixão

Deu-se, antigamente, êste nome a uma sociedade que sucedeu aos peregrinos, e que representava, com êles, comédias ou dramas cujo assunto era a Paixão de Cristo, e os mistérios da religião católica.

Uma árvore com mais de vinte séculos

A árvore mais velha do mundo é o Bô-Gaha, ou «árvore sagrada» que existe em Anuradhapura, antiga capital dos reis de Ceilão. É uma figueira — *ficus religiosa* — que foi plantada no ano 287 antes de Cristo, no décimo oitavo ano do reinado de Devempitissa.

Tem pois, mais de vinte e dois séculos de existência. Verdaderamente, o Bô-Gaha já não é mais de que um ruim vegetal. Uns pilares sustentam-lhe os ramos e o tronco está escurado com pedra e cal. As suas fôlhas, religiosamente guardadas, são consideradas como reliquias.

Essa árvore, junto da qual se vieram ajoelhar milhões de peregrinos, está cercada por um muro, severamente guardado por padres encarregados da sua conservação.

Palavras cruzadas

(Solução)

K	A	N		P	E	C	A	D	O	S	A	L	
E	C	O		L	A	M	A		E	R	A		
I	A			R	E	L	E	R	A		A	X	
L	U			E					Ç		N	O	
	L	I	E	O		P	A	O	B	O	E		
	E	A				E	U				F	A	
		M				P	A	T	R	I	A	I	
		B				O	L	A	I	A	S	C	
L	E	O				L	T				I	E	B
I	N	S	U	A		A	O	O	Z	O	N	O	
R	O			C				L			R	A	
I	R			M	A	D	R	E	P	E	A	E	T
C	A			R	O	B	O	A	O			D	O
O	S			S	O	M		U	S	O		O	S

Diferença entre árabes e mouros

É um erro muito comum, adoptado até por alguns historiadores, confundir os árabes e os mouros, como se fôsem o mesmo povo.

Os árabes são asiáticos, do meio dêles saiu a religião de Mafoma; êles fôram os primeiros que a espalharam na Ásia, na África e na Europa. Os mouros são tribus de África, que os árabes muçulmanos converteram ao mahometismo. Portanto os mouros são tanto árabe, como eram romanos os godos, os francos, os bombardos, que abraçaram a religião cristã que os romanos professavam. Pelo contrário, o império temporal de Mafoma foi destruído pelos mouros, e os turcos fôram convertidos ao islamismo, da mesma maneira que o império de Constantino foi destruído pelos bárbaros já convertidos ao cristianismo.

Existe em Estocolmo uma oficina onde se fabricam, por forma extravagante, quadros originais pintados a óleo. O desenho é primeiro impresso sôbre as telas, as quais arrastadas por uma corrente, passam entre duas filas de pintores, utilizando cada artista uma única côr e aplicando ali rapidamente aquela que lhe está designada pelo assunto.

Esta oficina exporta diáriamente centenas de quadros que se vendem à razão de 25 ou 30 escudos cada um.

Um grupo de médicos ingleses recomenda bastante a dança como remédio contra a insónia.



O tio: — Para mim teem preferência as músicas antigas.
 A sobrinha: — Sim? Olhe, então, aqui está uma que lhe deve agradecer: appareceu já há umas poucas de semanas.

(Do «The Humorist».)

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O síndrome de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

A 2.^a EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE
POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer

A 3.^a EDIÇÃO DA

TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL
PELO
Coronel **GUEDES VAZ**
Antigo professor de Topografia
e Tenente-coronel **MOUSINHO DE ALBUQUERQUE**

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. 22\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

GIL VICENTE

O AUTO DA CANANEIA

Texto princeps.
Texto modernizado. Anotações e comentários

DE **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

Um grande sucesso de livraria

À venda a nona edição, revista
11.^o MILHAR

F Á T I M A

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um vol. de 378 págs., broc., com capa a côres e oiro . . . 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

PEDIDOS AOS EDITORES:
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA:

NOVIDADE LITERÁRIA

ANASTÁCIO DA CUNHA, o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)
POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., brochado..... 12\$00
Pelo correio à cobrança..... 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Ben-
nollet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado
6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Boteiro da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Balão, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.**

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10\$00

Acceptem-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

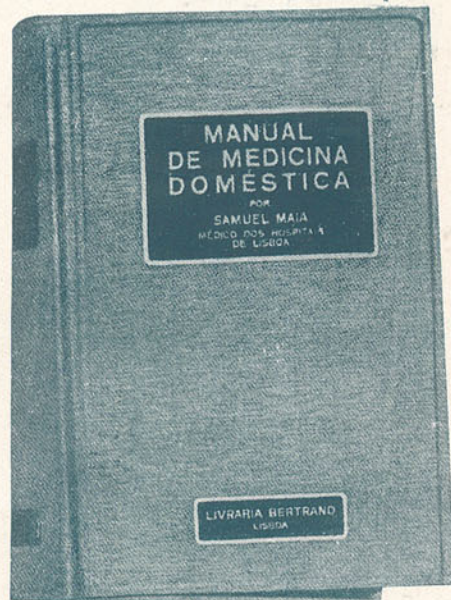
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

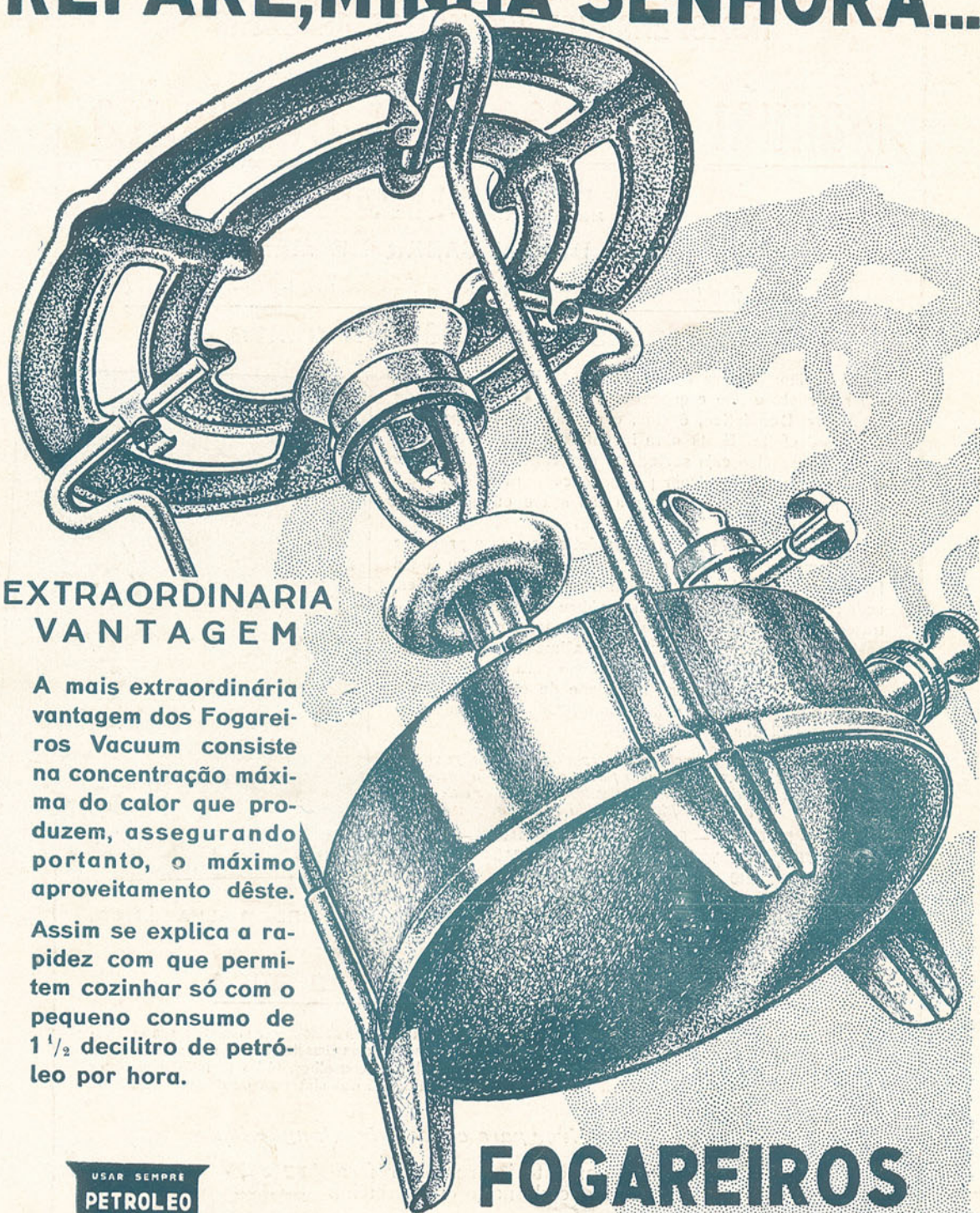
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

REPARE, MINHA SENHORA...



EXTRAORDINARIA VANTAGEM

A mais extraordinária vantagem dos Fogareiros Vacuum consiste na concentração máxima do calor que produzem, assegurando portanto, o máximo aproveitamento deste.

Assim se explica a rapidez com que permitem cozinhar só com o pequeno consumo de $1\frac{1}{2}$ decilitro de petróleo por hora.



Só são Fogareiros Vacuum aqueles que tem gravada a marca VACUUM

FOGAREIROS VACUUM